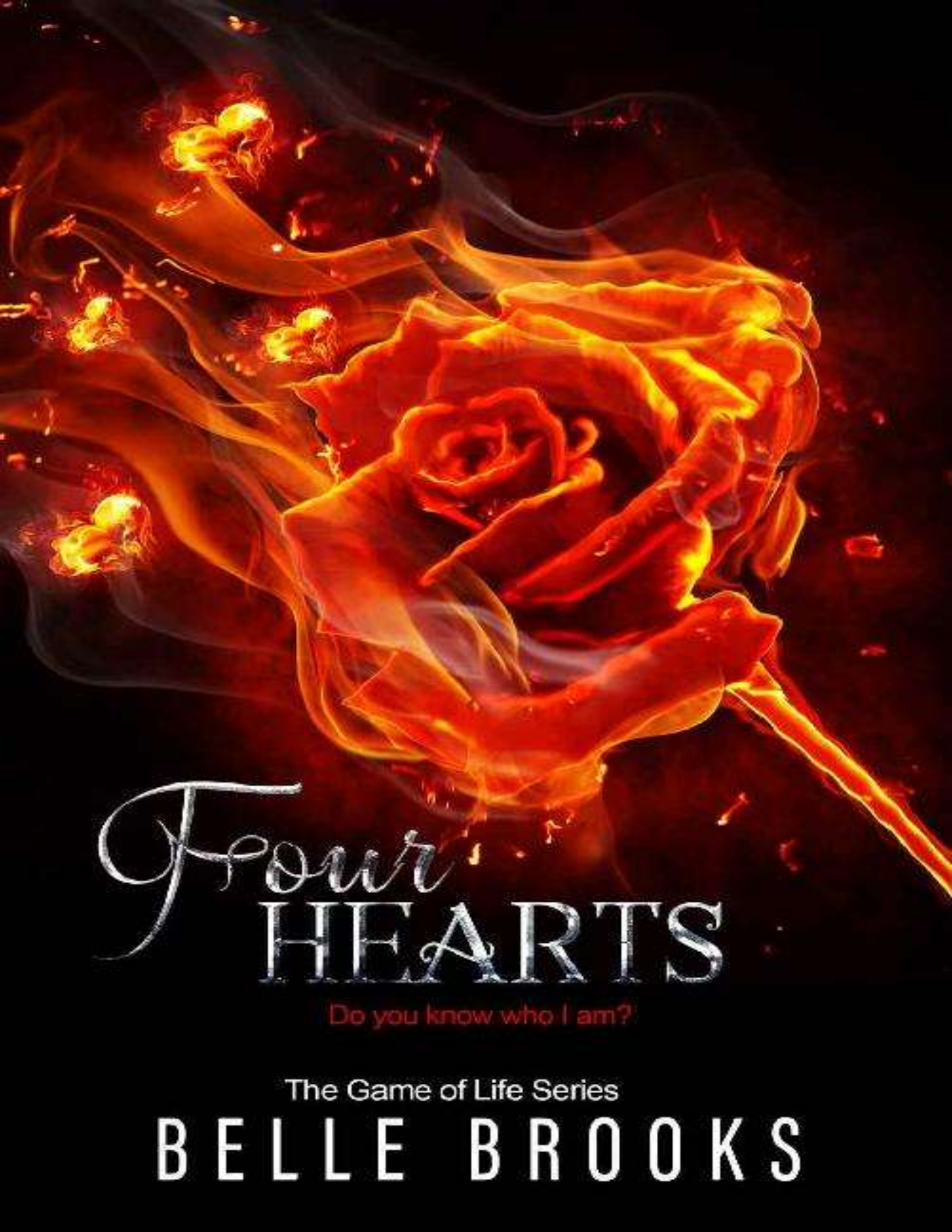

Four
HEARTS
Do you know who I am?
The Game of Life Series
BELLE BROOKS



TRADUÇÃO – JULIANA ALVES
REVISÃO INICIAL – PAULA S.
REVISÃO FINAL – KALI NERD
LEITURA FINAL – ARLETE LOKK
CONFERÊNCIA – SRTA. LIMA

NOVEMBRO/ 2018

"O lobo pode quebrar meus ossos, mas ele não pode destruir meu coração."

Eu nunca vou deitar e dizer morra, porque há quatro corações que batem para mim, incluindo o meu, e essa é a arma mais forte que eu tenho. Eu vou derrotar o lobo. Eu vou tirar sua vida. É melhor ele dormir com um olho aberto, porque estou indo atrás dele.

Quem é o lobo? Ele é um filho-da-puta morto em meus olhos. Ele me subestimou e agora ele não tem idéia de onde estou. Eu encontrei o meu lugar para se esconder, e é apenas uma questão de tempo até que eu veja minha liberdade.

"Cinzas às cinzas, pó ao pó, queime no inferno, Chapeuzinho, porque eu já tive o suficiente." - O Lobo

O jogo ainda não acabou. Para mim, está apenas começando.

Para todas as vítimas de abuso e suas famílias.

Nunca é tarde demais para falar.

Nunca é tarde demais para se levantar e lutar.

CAPÍTULO UM

Reid

Eu abaixo a cabeça e o meu corpo até eu esteja escorregando pelo banco de trás do carro, a fivela do cinto encontra o fecho e eu me assusto por causa do som.

Meu coração se despedaça de novo. Eu nunca vou ser o mesmo homem que eu era antes.

A porta do carro se abre no lado oposto a mim, e Maloney senta e depois se arrasta no banco. Meu estômago rola em um círculo vicioso causando ácido que queima a parte de trás da minha garganta.

Eles encontraram Morgan. Não há vida à nossa frente. Não há mais memórias para criar. Não há mais “me desculpes” para ser trocado. *Morgan está morta*.

— Estamos saindo agora. Você está pronto, Reid? — O tom de Maloney é terno. Seus olhos se encheram de pena.

Faça isso parar. *Faça isso parar*, minha mente implora quando eu

viro minha cabeça em um tremor e abaixo meus olhos para o assento.

Eu não estou pronto para ver minha esposa. Eu não estou pronto para dizer adeus. Eu não estou pronto para os olhos que falam de tristeza e pena para ser meu futuro.

Maloney pigarreia no exato momento em que ouço as portas dos carros se abrindo.

— Está quase na hora. Estamos apenas esperando Detetive West para terminar estes telefonemas. — Maloney diz suavemente.

Eu não olho para ele.

As ruas pelas quais eu não viajei durante dias me aguardam. Não deveria terminar assim. Nosso amor não deveria terminar de jeito nenhum. Nem sequer tive a chance de dizer a Morgan que eu a amava com todo o meu coração, e que me arrependi por deixá-la para baixo. — Sinto muito por te tirar da minha vida, Morgan, — eu digo em voz baixa.

— Reid, — diz Maloney.

— O quê? — Nossos olhos se conectam brevemente até que eu giro minha cabeça para a janela de vidro laminado na minha frente.

Embaça com as respirações pesadas que eu tomo.

Eu não me mantive fiel às promessas que fiz a Morgan. Eu não era o homem que prometi ser para ela, o homem que a pegaria se ela caísse. Eu não era o homem que eu prometi a mim mesmo que eu também seria.

Como eu continuo daqui? Como eu vivo com minha culpa? Como faço para criar nossos filhos certo? Como eu vivo sem a Morgan?

— Estamos prestes a sair, Reid, — Maloney murmura.

Maloney. *Minha rocha*. Quero rir da constatação de que esse homem, um estranho que conheci há dois dias, é a pessoa que pedi para estar comigo enquanto faço esta viagem final.

Quando eu ver Morgan, Maloney vai me ver cair. Eu vou cair com a visão de Morgan. E nunca vou me levantar novamente.

— Reid, Detetive West está subindo no carro agora, — comenta Maloney.

— Não deixe que a imprensa fique sabendo disso ainda. Temos que ver se Reid pode nos dar uma identificação. — West para abruptamente. —Não! Não é protocolo, mas às vezes as regras são

feitas para serem quebradas. — Ele para de falar. — Porque se não for, então ainda temos tempo, — continua ele. — Se não fizermos isso, estamos esperando por registros dentários. Você quer arriscar isso? — O tom de West é duro. — Bom. Aguente firme. Eu também estou levando os pais dela, caso ele não consiga fazer isso. Vou ligar para você assim que fizermos ou não, ok? — Ele faz uma pausa. — Tchau.

Eu giro minha cabeça mecanicamente e vejo West baixando seu telefone para o console.

O clique da chave girando na ignição me faz pular. O disparo do motor me faz engolir em seco. Eu fecho meus olhos.

Querido Deus,

Você pode, por favor, trabalhar um milagre? Porque preciso de uma segunda chance para estar com minha esposa. Conceda-me mais uma chance e prometo que não vou estragar tudo.

Amém.

Lento – é assim que o carro se move. É como se estivéssemos em uma procissão fúnebre enquanto seguimos um veículo secreto vermelho que chegou até a casa mais cedo esta manhã. Gleaton está no seu volante. Sua missão: escoltar os pais de Morgan no caminho.

Meu coração afunda em minha barriga quando imagino a devastação que teria sido pintada no rosto de Ronald e Kylee depois que a porra da chamada chegou. Pisco para clarear minha visão – para ajudar a silenciar os gritos estridentes que a acompanham. Não funciona, e o pânico rouba meu coração, estrangulando meu fluxo de sangue, causando uma dor insuportável. A necessidade de correr me faz saltar meus joelhos. Meu estômago rola novamente, desta vez de um jeito de tsunami, e meu coração bate tão forte no meu peito que eu vou parar de bater completamente. *Eu não posso fazer isso.*

A mão de Maloney pressiona minha coxa. — Reid. Respire.

Eu inalo devagar. *Eu tenho que fazer isso*.

Rotatória.

Sinal vermelho.

Rotatória.

Ponte.

Rotatória.

Sinal vermelho.

Em seguida, aparece uma placa branca e vermelha lendo *Rockhampton Base Hospital*. Nós dirigimos por um caminho escondido, um que eu nunca soube que existia.

O carro para abruptamente. Estremeço como se alguém estivesse andando sobre meu túmulo, e eu imediatamente torci minha cabeça em busca dos olhos de Maloney para buscar conforto, apenas para ver a parte de trás de sua cabeça.

A porta do carro ao meu lado se abre. Eu espero um rosto envelhecido e um bigode preto/cinza; em vez disso, é uma pele jovem e pálida e cabelo vermelho preenchendo minha visão. *Prospect.* Por que ele está aqui? Quando ele chegou? E com quem?

Eu saio do veículo. Prospect se move alguns passos para trás para me dar espaço.

— Sr. Banks. — Prospect me oferece o mesmo olhar de pena que Maloney. Eu olho para ver West caminhando na minha direção.

O barulho de botas de caminhada no cascalho me faz virar os olhos para baixo, na direção dos pés de West. Ele não está usando botas de caminhada, mas o som é alto como se ele estivesse. Ele está fazendo isso de propósito?

— Por aqui, — diz West de passagem.

Eu me viro, mas caminho através do nevoeiro ... estou em um devaneio. Meu corpo está sem peso e sinto como se minha alma não estivesse mais dentro de mim. *Estou perdido*.

Ronald, Kylee e Gleaton nos aguardam estacionados do lado de fora das portas automáticas. Eu dou dois passos além deles. Eu não digo uma palavra enquanto as portas se abrem.

Kylee pega minha mão, ligando seus dedos aos meus. Eu a sacudo. Eu preciso levar essa caminhada desconfortável. Eu não quero delicadezas sociais. Eu *não* mereço elas.

— Eric, mantenha qualquer repórter à distância. Me mande uma mensagem se aparecerem. Você precisa controlar essa porta, — diz

West, com naturalidade.

Meus ossos congelam quando eu entro. *Está tão frio*. O ar gelado bate na minha pele quando um cheiro forte de água sanitária enche meu nariz.

O barulho dos sapatos de couro batendo no chão polido vem de West e Maloney, que agora caminham meio metro à minha frente. Eu não suporto o som. Eu quero voltar atrás. Eu quero fugir.

Uma porta azul à direita diz *Necrotério Um*. Resumidamente, paro para olhar as letras prateadas. É onde está o corpo sem vida de Morgan?

— Reid, querido, — Kylee fala suavemente. Eu sinto a mão dela apertar meu ombro por trás. Mais uma vez, eu a sacudo. *Você não merece conforto*, eu me lembro.

Os últimos passos são os mais difíceis que eu tomo. Eles estão hesitantes e minhas pernas tremem, mesmo quando chego a uma parada, posicionado entre West e Gleaton.

Eu olho através de uma petição clara que ocupa o quadrante superior de uma parede branca com borrões de mão. A sala atrás dessa

janela parece vazia. O piso de mármore azul e cinza brilha sob luzes brancas. Há uma porta localizada na parede oposta, à esquerda, me concentro na maçaneta prateada.

— Eles vão trazê-la agora. Você está pronto?

Eu viro minha cabeça para a esquerda, seguindo a direção das palavras de West para encontrá-lo balançando a cabeça.

Há um aperto firme aplicado no meu ombro direito. Eu viro minha cabeça para a direita. Maloney não olha para mim, mesmo que a pressão do aperto dele aumente. Em vez disso, ele fica alto, com os olhos para a frente. Eu não o abalo. Eu preciso de sua compreensão porque o medo está rasgando meu corpo e eu só preciso sentir alguma coisa, qualquer coisa.

Eu me fixo na maçaneta de prata mais uma vez e, como faço, estremeço. *É isso*. Meu coração dispara outra batida, e a dor no meu peito me deixa sem fôlego. Minhas mãos ficam suadas. Minha respiração trabalha. A maçaneta gira. Meu coração pula uma batida antes de bombear ainda mais forte. Eu fecho meus olhos.

O cheiro do papel que Morgan compra em um rolo para as crianças desenharem enche meus sentidos. *Papel pardo*. Por que cheira

a papel pardo aqui, quando na entrada cheirava a produtos químicos de limpeza? *Isso não faz sentido*.

Eu abro minhas pálpebras para encontrar um lençol branco pendurado no topo de um monte. Um homem de óculos pretos grossos, com lentes salientes, fica de pé, com as mãos penduradas na frente dele. Ele acena. Não sei por que, mas depois que ele acena, levanta o braço e tira o lençol branco. Ele dobra o material sobre si mesmo, parando acima dos seios, sem expor nada mais do que a cabeça, o pescoço e a parte superior do peito.

Cabelo castanho – é tudo que reconheço. O rosto está inchado e machucado além do reconhecimento. *Ela não é identificável*.

Eu ouço um suspiro, depois outro, seguido por soluços vindos do lado oposto de West. *Quem está chorando?* Eu procuro a fonte, tirando meus olhos do corpo exposto na minha frente.

Kylee tem as mãos espalmadas no painel com a testa pressionada contra elas. — Não não. O que eles fizeram com ela?

Um grito profundo e sem fôlego vem depois que ela fala. Ronald deita a cabeça no topo de Kylee e chora; um som que eu nunca ouvi em todo o tempo em que o conheço.

— Reid. — Os olhos cinzentos de West infringem minha visão. — Esta é Morgan?

— Como diabos eu posso saber? O rosto dela. O rosto dela é ... — Eu arquejo, dobrando meu corpo ao meio. Eu ofego. Eu ofego de medo, raiva e tristeza com minhas palmas ao redor da minha boca.

Pequenos círculos se esfregam nas minhas costas. — Morgan tem alguma marca que possamos ser capazes de identificá-la? — Maloney diz calmamente.

Eu lentamente me puxo para cima. A mão de Maloney cai fora. Eu procuro o seu conforto, a calma que vem do jeito que ele fala, e então eu aceno.

— Onde? O que? — ele disse.

— Uma marca de nascença rosa em forma de coração onde a alça do sutiã ficava. — Eu não tenho que pensar em nenhum outro. A marca de nascença de Morgan é única.

— Ok. — Seu é tom suave.

— Irwin, por favor, verifique se ela tem uma marca de nascença em forma de coração. Na cor rosa. Localizada onde a alça do sutiã

ficava. — Eu não tenho certeza de como o homem na sala pode ouvir West dizer isso, e não eu não olho para descobrir se ele faz. Eu mantenho meus olhos fixos em Maloney enquanto prendo minha respiração atrás dos meus lábios.

— A janela ficou preta, — diz Maloney. — Ele estará reposicionando-a com privacidade. — Ele faz uma pausa. — Quando o vidro ficar claro novamente, eu vou te dizer, e você precisa olhar, ok? — Seus olhos são simpáticos, mas amplos.

Eu concordo.

— Reid, você pode fazer isso, — encoraja Maloney.

Eu engulo em seco.

— Continue respirando, companheiro.

Eu sorvo uma respiração necessitada.

— Nós podemos ver a sala agora. Irwin está empurrando a mesa para mais perto da janela. Eu vou te dizer quando estivermos prontos.

Eu concordo.

Há silêncio ao meu redor, embora dentro da minha cabeça esteja

barulhento.

— Estamos prontos. — Maloney quebra o contato visual quando ele gira a cabeça.

Eu sigo o exemplo. Roxo, verde, amarelo e preto são as cores dos hematomas que a mancham de volta. Manchas de pele branca brilham em comparação, destacando-se entre a descoloração. Eu procuro por sua marca de nascença, o lugar que deveria estar.

Não está lá. Apenas pele branca.

Há apenas pele pálida e leitosa.

Não pode ser Morgan. Não é Morgan.

— Não está lá. — Choque puro. — Não é Morgan. Não é Morgan, — eu grito enquanto deslizo minhas mãos pelo painel transparente e caio no chão.

Eu choro. Eu choro pela mulher que jaz na mesa não identificada. Para a família dela e tudo o que ela suportou pelas mãos do psicopata doente. Sua morte está relacionada ao desaparecimento de Morgan. Como West disse, ela estava usando as roupas de Morgan.

Seu sequestrador matou antes?

Ele é um serial killer?

Existem mais mulheres para serem encontradas?

O que ele fez com Morgan?

CAPÍTULO DOIS

O lobo

Eu posso navegar pelo mato que me rodeia em qualquer clima ou luz. Eu o conheço de olhos fechados, como a palma da minha mão – conheço essa mata nativa. São quarenta hectares que passei anos caminhando, mas me preocupo. Eu me preocupo com o fato de que Morgan possa encontrar sua saída da minha terra, infringindo a de outra.

A casa vizinha mais próxima da minha é a outra cem hectares de distância, mas sua terra é muito, muito mais próxima. Não tem como Morgan conseguir chegar à casa deles durante a noite a pé, mesmo os corpos mais saudáveis. Ela é um cadáver ambulante – um cadáver ambulante que conseguiu me emboscar.

— Foda-se, — eu gemo.

Se eu não a encontrar hoje, há uma possibilidade dela tropeçar para sair daqui, e se ela fizer isso, eu vou em um massacre. Eu vou matar qualquer filho da puta que ficar no meu caminho até que eu a

encontre. Minha fúria será desencadeada. Vou levar mais vidas do que planejei. Eu farei qualquer coisa para ver aquela cadela morta. Eu nunca iria deixá-la viver – eu só queria dar a ela uma chance de descobrir o jogo. *Ela está realmente fodida no meu maldito jogo*.

Folhas sussurram acima de mim, roubando minha atenção. Eu inclino minha cabeça para trás. O sol me faz apertar meus olhos enquanto procuro a fonte. Uma garra coberta de pelo cinza alcança um punhado de folhas de eucalipto da velha árvore de goma na minha frente. Não é Red. É um maldito coala.

Onde diabos está Red?

Ela deveria ter corrido em círculo e colidido com meu peito agora. Ela deveria ter estado naqueles arbustos ontem à noite, também, só que ela não era – era um maldito gambá, no entanto. Aquele bicho de olhos brilhantes apanhou o peso total da minha raiva quando ela voou para o final da minha bota. Eu gostaria que tivesse sido o rosto de Morgan se conectando com a minha perna balançando, então eu não estaria aqui andando por esses terrenos como estou.

Cada pé que coloco na frente do outro me faz pensar na vida selvagem que caça essas partes ao meu lado. A vida selvagem sempre

com fome de sangue, assim como estou.

Eles a rasgaram em pedaços? Os dingos, raposas e porcos selvagens tiveram o prazer que eu quero para mim?

Eu rosno: — Porra, espero que não.

A vida de Morgan é minha para ser tomada, não deles.

Pedras cinzentas enchem minha visão. Uma parede de pedra maciça, alta demais para escalar, me deixa ofegante. Preciso do meu equipamento para encontrá-la. Eu provavelmente vou precisar pegar algumas das merdas high-tech[1] de Winston também. Não demorará muito para o dia se tornar noite.

Obrigado, porra, Winston está caçando fora da cidade, o que significa que eu tenho acesso total ao seu equipamento sem quaisquer perguntas. Winston é um bastardo intrometido, mas dado seu passado e o que ele fez uma vez para ganhar a vida, faz sentido que ele seja suspeito. Você não rola com a máfia e não pensa que toda pessoa está querendo te pegar.

Quatro horas, mais ou menos alguns minutos, é quanto tempo demora para eu chegar ao barraco de Winston e voltar. Adicione o

[1] Alta tecnologia.

tempo que levará para recuperar as coisas que eu preciso ... — Merda, Morgan, você mexeu com o filho da puta errado hoje.

Eu respiro. Eu fecho meus olhos. Eu calculo a quantidade de tempo que passou em comparação com a condição em que a Morgan está, e o tempo que eu vou precisar ... vou cortá-lo próximo de quão perto da liberdade ela poderia ficar.

Desapontamento corre pelas minhas veias, e com um pigarro expelindo dos meus lábios pressionados, meu temperamento sobe. Eu me viro e pisco fortemente em direção à minha cabana. Eu penso sobre os malditos buracos que rasgaram minha camisa e rasgaram minha pele. Aquela cadela deixou aqueles lá. Morgan tomou muito de mim e eu só quero esse final do jogo.

Acalme-se.

Não perca o controle.

Você vai encontrá-la.

Eu vou encontrá-la.

Um bom caçador sabe como manter sua paciência e esperar que seu alvo o encontre. Eu estou deixando todo o meu treinamento para

baixo na merda por causa de uma mulher. O inferno não é onde eu preciso me permitir viajar agora. Em vez disso, preciso classificar as memórias das minhas anteriores Reds e recorrer a essas conquistas.

Não deixe suas emoções apagarem sua compostura. Você é mais viril do que isso.

Eu tomo três respirações prolongadas e procuro por alguém para extinguir minha raiva. Red número três foi uma das minhas capturas e mortes favoritas até hoje, e eu repito nosso encontro – seu erro – e sua captura, repetidamente em minha mente. É como um programa na televisão tocando diante dos meus olhos, e isso facilita a crescente tensão que invade meus músculos enquanto eu navego pela casa da mata nativa. Donna Martin vai me manter racional e focado.

— Oi, eu sou Donna. — Ela agarra o lábio inferior entre os dentes brancos brilhantes enquanto se inclina contra o bar de mogno. — Posso te pagar uma bebida?

Seus seios se levantam, e quando seu amplo decote exige minha atenção, derramando-se de seu vestido rosa quente apertado, percebo que ela descobriu quem eu sou. Seus olhos arregalados e as bochechas

levemente coradas são uma dádiva inoperante.

Essa cadela gosta de homens poderosos. Mesmo em outra cidade, sou reconhecível. Eu não deveria estar surpreso. — Certo. Um martini, agitado, não mexido[2]*.*

Ela bate os cílios, depois aperta as coxas musculosas juntas. Seus dentes apertam o lábio inferior entre eles. Ela sabe o que quer e como conseguir. E se ela quer uma merda digna de um filme, eu vou dar uma a ela. Eu vou jogar James Bond, e ela pode bancar a vagabunda que eu durmo e deixo para trás no meu caminho.

As mulheres só querem ser tomadas por homens com dinheiro e poder. Eles querem joias e as coisas bonitas da vida. Elas precisam da promessa de serem tratadas financeiramente. Elas não querem ser amadas por um coração ou adoradas por um toque carinhoso. As mulheres não querem amor; as mulheres nunca procuram o amor verdadeiro.

É uma risadinha, uma risadinha de flerte de merda que me faz focar nos olhos azuis-safira dela. — Ok, James. — Ela anda com suas longas unhas pintadas de rosa na manga da minha jaqueta preta de negócios. Eles são o mesmo rosa que seus lábios manchados.

[2] É uma frase do James Bond, mesmo. Por isso mais adiante ela o chama de James.

— Obrigado, Red. — Eu a nomeio adequadamente por seu comportamento.

Seus olhos ficam ainda mais proeminentes. — Oh, Red? Eu gosto disso. Ele combina com o meu cabelo.

— Eu sabia que você iria. — Vagabunda fodida.

— Barman. Um martini, agitado e não mexido. — Ela faz uma pausa. — Faça dois. — Ela escova as longas mechas vermelhas sobre um ombro e novamente agarra o lábio entre os dentes, só que desta vez ela deixa escapar lentamente, realmente porra lentamente.

Meu pau pula na minha calça. Eu posso odiar as almas das mulheres, mas eu com certeza gosto de me deitar com elas e fazê-las se render ao meu domínio.

Na próxima hora, ela vai se submeter. Ela vai me deixar fazer o que for que eu quero. Eu vou fazer coisas com ela que ela nunca sonhou que permitiria que qualquer homem fizesse.

Eu rio exteriormente.

Sua cabeça chicoteia para mim. Seu cabelo cai em um salto pelas costas. — O que é tão engraçado, James?

— Nada. — Eu ofereço um sorriso ainda brincalhão.

— Oh, você é um menino travesso, não é, James? — Ela é um trabalho sedutor.

— Você gostaria de descobrir?

Suas bochechas pálidas coram muito rosa. — Fala mansa. — Ela ergue uma sobrancelha e desliza as unhas para cima e para baixo do meu casaco.

Eu rio antes de me inclinar para ela. Eu respiro contra o pescoço dela e roço meus lábios ao longo do lóbulo da orelha. — Eu posso te fazer molhar sussurrando como fodidamente deliciosa eu sei que sua boceta estará em só me ouvir.

Ela engole duro. E ofegando.

Eu deslizo minha mão sobre seu cabelo macio e as costas até que eu paro em sua bunda. Sua respiração fica presa na garganta, e o som faz meu pau pular na minha calça mais uma vez.

— Eu-eu-eu ... bem, — ela gagueja.

— Eu acho que você deveria ir brincar com os meninos, amor.

Você não consegue lidar com o que eu tenho.

Eu peguei a mão dela, que está pendurada na lateral da barra, e a movo até que ela esteja pressionada contra o meu pau ereto.

Ela respira um pouco, então seus olhos azuis brilham. Ela ri em sua expressão de surpresa. Ela morde o lábio inferior, revira os olhos e sussurra: — Você ficaria surpreso com o que eu poderia fazer com isso. — Sua mão se torna apertada em torno do meu eixo.

Red está confiante. Eu gosto disso.

— Barman, coloque essas bebidas no meu quarto. — Eu pisco antes de voltar minha atenção para a grande ruiva presa na minha frente. — Depois de você. — Eu sorrio.

Seus lábios se esticam. Seus olhos se fecham no meio do caminho. Ela está bêbada de adrenalina. Ela gira em torno dos seus saltos finos. Seus quadris balançam de um lado para o outro. Longas pernas viajam para sempre até que o vestido cobre a maneira como elas se juntam em sua bunda. Red espia por cima do ombro e me oferece uma risadinha doce.

Um gemido feroz ecoa na minha garganta.

Eu fodo Donna Martin de todas as maneiras que eu posso. Por horas. Nenhum orifício fica fora dos limites, e nenhum tapa na bunda dela ou puxar o cabelo dela parece demais para ela. Ela me leva mais ou menos. Ela se submete. Eu possuo cada pedacinho dela até que minha ereção fique flácida e eu não possa mais me enfiar em sua vagina desleixada.

— Oh, James. — Ela se levanta da cama e bate os longos cílios negros. — Isso é tudo que tem em você? — Porra escorre entre suas coxas. — Eu pensei que você fosse um dos garotos grandes. Parece que você é todo pau e sem resistência.

Eu cerro meus dentes com tanta força que meu maxilar se espasma. Eu pulo do colchão e alcanço até que eu rolo minha mão em seu cabelo. Eu o enrolo em um bloqueio em torno da palma da minha mão várias vezes. Seu pescoço alonga e depois se estende para trás enquanto eu puxo. — Red, vou te foder até sangrar. Feche a boca. — O corpo dela fica rígido. — Eu quero o seu sangue escorrendo pelo meu pau. Eu quero o seu interior mutilado para que ninguém possa tocá-lo novamente. — Faço uma pausa para adicionar um novo medo. — Você quer que eu te destrua? Porque isso é tudo que posso oferecer agora.

Ela treme contra mim. — O que? N-n-n-não. Demasiado ... longe

demais. — Seus lábios puxam para baixo, e seus olhos vazam lágrimas. — Por favor, deixe ... deixe ... eu ... sair.

— Não me atraia. Não me ofereça, porra, de novo, — eu digo.

— Desculpe, — ela chora.

Eu a solto com um empurrão forte, e quando ela tropeça para trás, eu balanço meu braço e a golpeio através da bochecha com as costas da minha mão.

Ela grita. — Por favor. Não! — Ela chora mais forte. — Eu vou pegar meu dinheiro e vou. Eu irei.

Dinheiro? Que porra de dinheiro?

Há um momento de silêncio quando ela tira o sangue dos lábios. — Eu não jogo esses tipos de jogos, James. Eu estou aqui apenas para transar e receber o pagamento. — Jogos? Quais jogos? Pago para transar? Que porra é essa? Eu entrego um olhar feroz.

— Olhe, senhor, por favor. Eu só estou fazendo isso para pagar minhas contas e minhas taxas universitárias. E-eu não vou tão longe. Nenhum dinheiro poderia me deixar fazer algo assim. Fantasias de estupro não são minhas coisas.

— Você é uma prostituta? — Eu grito.

— Eu sou uma garota de programa. Eu não sou uma prostituta. Eu não tenho escolha. Eu preciso de uma educação e uma vida melhor para mim.

Eu estou lívido, e enquanto ando de um lado para o outro, rosnando como uma fera que tem um espinho preso na ponta do pé, a necessidade de estrangular a vida de seu pescoço estúpido cresce.

— Ei, o que acabamos de fazer está além do que eu já fiz antes, mas—

Eu bato o meu pé.

Ela para de falar. Sua pele fica um pouco cinza.

— Não. Você não ganha um centavo. — Eu ofereço um olhar assassino.

— Por favor. Mil dólares e eu vou embora. — Ela está tremendo.

— Você é surda?

Ela sacode a cabeça.

Nós vamos jogar jogos. Vamos jogar meu jogo se essa boceta não sair desse quarto de hotel agora. Como ela vai gostar de jogar O jogo da porra da vida comigo?

— Coloque suas roupas, — eu grito.

— Pensei que você soubesse. Eu pensei que você—

Eu me lanço através do quarto, envolvendo meu braço em volta do seu pescoço, sufocando seus lábios com a minha mão oposta. — Eu não tinha ideia que você era uma merda de prostituta. Se vista e saia, — eu rosno profundamente dentro da minha garganta, empurrando-a para longe.

Ela se esforça para pegar suas roupas, e enquanto as lágrimas rolam em uma linha abaixo de seu rosto, riscando sua maquiagem pesada, eu me vejo incapaz de olhar para ela um minuto a mais.

Eu caminho furiosamente até o banheiro, batendo a porta atrás de mim. As paredes tremem com a força.

O espelho acima da pia pega meu reflexo. Eu olho nos meus olhos estreitos, vejo minhas narinas dilatadas e pressiono os lábios.

Eu quero que o sangue dela derrame no chão. Eu quero isso agora.

Clique!

O som do trinco me faz abrir a porta do banheiro. Ela está saindo.

— Você tem que estar me gozando, — eu grito.

Seu corpo endurece. Ela deixa cair a carteira, minha carteira, a que ela está segurando na mão. Ela não se vira para olhar para mim. Em vez disso, ela corre com seus saltos altos pendurados em seus dedos.

— Eu sinto muito, — ela grita de volta. O pânico em seu tom é emocionante.

Eu pulo para frente. Eu quero perseguir, capturar, mas eu não faço. Eu paro no meu caminho. Essa cadela tem um desejo de morte, e é um desejo que eu vou entregar. A caça valerá a pena a cada momento. Sua morte será a melhor vingança. — Você é uma cadela morta, Red, — eu murmuro.

Por três semanas, eu persigo minha presa. Eu estudo sua escola, seu local de trabalho e acompanho seus clientes regulares que não são nada além de vermes desprezíveis que deveriam deixar de existir. A programação diária de Red se queima em minha memória. Ela torna

isso fácil, e eu sou como um galgo[3] *pegando seu perfume inútil onde quer que ela trote.*

A segurança em seu apartamento de um quarto decadente é patética. Por que as mulheres acham que uma fechadura barata de Loja de materiais é tudo de que precisam para evitar um predador determinado?

Cadelas idiotas.

Eu espero em um canto escuro de seu quarto, o chão cheio de roupas e saltos altos. Ela trata as coisas dela como lixo. Ela *é* lixo*. Uma agulha afiada contendo um agente adormecido está pendurada entre meus dedos. Red dormirá bem – até que eu possa levá-la para as fronteiras estatais e para o meu território. Então, a diversão começa. A fechadura se vira. Guincho. Bang Clip, clop. Clip. Clop. Ela está andando na minha direção. Ela não tem ideia do que está prestes a acontecer. Ela não vai escapar. Meu coração galopa. Eu sorrio. Ela finalmente é minha.*

Donna Martin: estudante universitária. Filha. Irmã. Prostituta. Ela nunca viu o que estava por vir, e no momento em que enfiei a agulha na pele macia de seu pescoço, ela caiu frouxa em meus braços. A

[3] Nome de várias raças de cachorros grandes, porém leves e esguios, de pernas longas e focinho afilado. São usados na caça e em torneios de velocidade.

adrenalina pura que eu ansiava encheu-me completamente. Eu exalo um gemido satisfeito.

Oh, que divertimento passamos a ter. Donna foi resoluta até o fim. Ela não era Morgan.

Morgan! Onde diabos está essa cadela?

CAPÍTULO TRÊS

Morgan

Presa entre uma rocha e um lugar duro não é apenas um ditado que eu usei muitas vezes, mas é onde estou agora. Eu estou tremendo; eu estou tremendo tanto que o celular ameaça desalojar do meu aperto.

Pura sorte. O celular do lobo caindo de sua posse no meu ataque foi nada além de pura sorte. Eu consegui agarrá-lo do chão logo após eu cravar a tesoura em seu ombro. Agora, se o celular apenas funcionasse. Eu bato meu dedo contra os dígitos acesos na tela, tentando pedir ajuda.

O medo ainda está correndo em minhas veias e explodindo unhas afiadas no meu peito. Eu estremeço pelo que parece ser a centésima vez. Eu preciso conter esse medo, mas eu não posso, porque eu ainda posso ver o lobo não muito tempo atrás, quando suas costas, os buracos em sua camiseta no ombro, estavam bem na minha frente. Eu olhei para ele através do pequeno olho “mágico” criado nesta rocha – a

rocha enfiada perto da parede de pedra que eu estou bem atrás. Ele estava perto demais para que eu ficasse confortável e eu estava com medo que ele me encontrasse. Que ele veria meu olho espiando pelo buraco. Eu me preocupei que ele sentisse o cheiro do meu sangue e o fedor, que eu mesmo sentia, de meu próprio corpo. Eu temia que ele nunca iria embora sem me agarrar firmemente em suas mãos. Ele não me viu. Ele não pareceu me cheirar. Ele não me capturou. Mas eu ainda tremo incontrolavelmente. É um tremor violento e minha pele fica escorregadia com umidade e suor que escorrem pelos meus braços, levando meu foco, eu me pergunto por que meu corpo está me traindo, embora eu não tenho me movido por muito tempo.

Por que não consigo parar de tremer?

Meu queixo fica tenso, eu tento parar a vibração dos meus dentes. Não estou com frio, mas meus dentes batem juntos como se eu estivesse. O calor que corta a mata nativa é insuportável, e dá a ilusão de que meu corpo está dobrado dentro de um forno ajustado a duzentos graus. Ofegar não alivia o calor. Nada faz.

Minha cabeça gira. Tudo está girando em círculos.

O que está acontecendo?

Eu puxo as minhas pernas mais apertadas no meu peito e tentar recuperar o fôlego, mesmo que o ar aquecido enche meus pulmões me faz sentir como se eu estivesse sufocando.

A visão embaçada me faz piscar com pressa enquanto luto contra um terror esmagador que entra em mim como um choque elétrico. Eu olho para a tela do celular que eu estou segurando a uma polegada do meu nariz.

— Por favor, consiga uma barra de serviço. Por favor! — É quase inaudível, mas eu estou implorando. Eu tento me concentrar nas teclas. Eu pressiono o dedo contra os números. Não tenho a certeza que os números são, mas eu espero que eles vão levar a alguém. Eu sufoco a minha necessidade de chorar e digo a mim mesma para se concentrar.

Não tem sinal aqui. O celular não está funcionando. Não, nenhuma vez, nem no caminho para este local apertado. Eu preciso me mover. É apenas uma questão de tempo antes que ele me encontre. Mas como? Meu corpo está regiamente fodido.

Minha visão fica preta quando meus olhos momentaneamente rolam na minha cabeça. Eu não consigo ganhar o controle de mim mesma. Eu não posso me concentrar em tudo. O tremor. Estou

experimentando, a vibração dos meus dentes, o suor escorrendo da minha pele só aumenta.

— Que porra é essa? — Eu encolho meus ombros até que eles encontrem meu ouvido, e aperto meu rosto com força.

Por que estou de repente com coceira?

Eu esfrego a tatuagem no interior do meu braço, e como eu, a coceira se espalha da minha mão ao meu cotovelo, em seguida, para o meu ombro. Ela viaja pelo meu peito e desce pelo lado oposto. Parece que um exército de insetos se arrasta sob a minha pele, e não coçar pode aliviá-la.

Enquanto deslizo meus pés para frente e para trás contra a sujeira, raiva aumenta na minha barriga. Ela rasteja acima em meu peito e então explode de minha boca em um rugido primal.

Eu quero machucar. Eu preciso matar.

Eu aperto meus olhos fechados apertado e enrolo minhas mãos em punhos. Cada batida de meus punhos contra a minha testa, por frustração, me faz chorar. — Eu preciso das minhas pílulas. Eu preciso de uma porra de conserto.

Oh, foda-se, eu estou desintoxicando.

Ele não me deu droga; meu corpo precisa dos produtos químicos dos quais ele depende. *Morgan, o que você fez para si mesma? Olha o que você fez, porra.*

Usando meus dentes, eu começo a roer contra a pele no meu bíceps, então minha mão, e, em seguida, o lado interno do meu braço ... qualquer coisa a coçar essa coceira. Não funciona. Em vez disso, ela só piora.

A experiência de girar fica mais selvagem e faz com que a raiva borbulhe dentro de mim, subindo rapidamente.

Mova-se, Morgan. Se levante e corre. Use essa dor, ódio e raiva para encontrar uma maneira de pedir ajuda.

Eu faço. Eu encontro meus pés, e eu passo em direção a uma mancha de cinza que é tão embaçada que eu não consigo entender o que é.

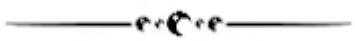
E se for o lobo? E se você está correndo direto para ele, Morgan? Volte. Volte, minha mente grita.

Qual o caminho de volta? Não consigo ver. Tudo está movendo ao

meu redor a toda velocidade. Por que mesmo tentei correr?

Eu ouço um assobio estranho invadir o ar seco.

Ah, porra. É ele?



Meus cílios vibram abertos. Eu rolo minha cabeça contra folhas. — Oh, Deus, — eu gemo.

Onde estou? Onde está o lobo?

Eu me sento na vertical e em seguida para trás na minha bunda enquanto simultaneamente tento avaliar meu redor.

Esquerda. Direita. Estou à procura de pistas. Paredes de pedra. Eu inclino meu queixo para trás. O sol escaldante queima meu rosto, e eu pisco, freneticamente, enquanto queima minha íris. Eu solto minha cabeça. Folhas enchem minha visão. Secas, mas elástica ao toque.

O celular. Onde está o celular? Eu deslizo minhas mãos em toda a

sujeira e folhas em pânico. Estou desesperada para descobrir o único dispositivo que pode trazer uma cavalaria para me salvar.

Os raios solares brilham contra um item preto brilhante acerca de meio metro de mim. Eu lamento enquanto pressiono o peso contra os meus pés para ficar de pé. Eu não posso. Eu jogo meu corpo para trás até que minha cabeça bate no chão. De um lado para o outro, eu balanço meus braços e pernas até que eu rolo para meu estômago. De frente para trás, mais e mais, eu me movo. Eu sinto uma pressão contra a minha espinha.

— Oh, graças a Deus. — É quase inaudível.

Eu coloco meu braço embaixo de mim e recupero o que agora eu posso ver é o telefone que eu estava procurando. Eu mudo meus olhos para a tela. Não está rachado, e ainda há energia. A barra da bateria indica vinte e oito por cento. Duas barras finas preencher a seção de serviço.

Meus olhos se arregalam. Meu coração acelera. Eu pressiono meu dedo contra os dígitos. Agora eu posso ver claramente. *000*.

— Bombeiros, polícia ou ambulância, — diz a voz automatizada.

Minha necessidade de chorar cresce forte. Pode ser apenas uma voz automatizada, mas é a primeira vez que ouço além dos dias com o lobo.

— Todas as unidades. — Minha voz treme.

A linha toca.

— Qual é a sua emergência? — Sua voz é suave, macia.

Eu soluço — Morgan Banks. Sou Morgan Banks. Ajude-me. Socorro!

— Morgan, qual é sua emergência?

A linha morre.

Nãoooooooo. A palavra grita na minha cabeça, mas não me atrevo a gritar em voz alta.

Eu soco em dez números, dez números que podem me trazer ajuda. Dez números que vai levar a alguém que sabe que eu não estou onde eu deveria estar.

— *Reid, atenda.* Atenda o maldito celular.

CAPÍTULO QUATRO

Reid

O sol está brilhando. Eu baixo meu queixo, então estou olhando para o cascalho. Minhas pernas e braços aquecem ao ponto que eu esfrego uma mão no meu pulso para aliviar a queimadura.

Kylee estende os braços, envolvendo-os na minha cintura. Estamos abraçados ao lado do carro de West no estacionamento do hospital, enquanto o suor escorre da minha testa.

— Não foi a nossa menina. Não foi a nossa menina, — Kylee chora contra o meu peito.

Eu acaricio minha mão sobre o topo de seu cabelo repetidamente. A dor restringe o fluxo de sangue no meu coração como imagens da mulher que West disse que usava as roupas da minha esposa joga em um loop[4]. Se foi isso o que ele fez com ela, o que ele fez com Morgan?

[4] Ele quis dizer que a imagem da mulher morta estava sendo passada repetidas vezes em sua mente.

Uma vibração formiga contra a minha coxa. O som vindo da minha calça é o suficiente para eu me forçar do abraço de Kylee. Eu apalpo o celular dentro do meu bolso e, em seguida, trago-o ao meu ouvido.

— Onde está a porra da minha esposa? — Eu grito para baixo da linha antes que ele tenha a chance de dizer uma palavra.

— Reid, me ajude. — Sua voz é suave, ainda rouca.

— Morgan! — Eu grito.

— Ajude-me, — ela chora.

West marcha em minha direção.

— Baby, onde você está? Diga-me onde você está? — Eu imploro.

Kylee agarra meu braço livre. — Mamãe está aqui, — ela grita.

— Estou aqui, — diz Ronald.

— Mãe. Pai, — Morgan grita mais forte.

— Morgan, onde você está? — Eu grito. Eu não quero gritar, mas estou com medo, estou com muito medo.

— Árvores. — Ela sopra. — Mata. Muita mata nativa.

— Mata. — Minha garganta lateja pelas lágrimas que encheram meus olhos.

West pega o telefone do meu aperto. — Morgan, eu sou o Detetive Astin West. Estamos tentando encontrar você. Nós precisamos da sua ajuda. Não desligue. — Ele faz uma pausa. — Boa menina, — diz ele. — Como você está? Que condição? — Ele para de falar e parece uma eternidade até ele dizer, — Quão mal?

Ele faz uma pausa. — Ok. Podemos te ajudar, mas você precisa me ajudar a te encontrar. O que você pode ver? — Ele está ouvindo atentamente. — Uma parede de pedra… Bom trabalho. Ok, o que mais? — Ele faz uma pausa novamente. — Seus filhos estão bem. Eles estão bem, eu prometo. — Ele para de falar. — Morgan. — Há uma longa pausa. — Morgan, Morgan. — Ele espera. — Morgan! Morgan, você pode me ouvir? — O tom dele exala desespero. — Morgan, responda-me se você puder me ouvir. — Ele pisa duro no chão. — Merda. — Ele deixa cair o braço e depois a cabeça.

— Não, — eu cuspo.

West estica o braço na direção de Gleaton, ainda segurando meu celular. — Roland, ligue para os técnicos agora. Veja se essa linha é a

linha que estamos rastreando. Diga-lhes se não é, para tentar rastrear o GPS no número que Morgan acabou de ligar. Vou enviar um texto para você do telefone de Reid. Encontre-me de volta na casa.

— Estou nisso. — Ele balança a cabeça.

— Prospect. Maloney. Vocês dois pegam a estrada e fazem uma varredura antes de chegarmos lá.

— Sim, senhor, — diz Maloney com uma resposta militar.

— Reid, Kylee e Ronald, vocês vão comigo. Vamos.

O celular toca.

West para no meio do caminho. — Olá, — ele diz hesitante. — Morgan. Você tem um mau serviço. A bateria está morrendo. Ok, você está fazendo um bom trabalho, mas eu preciso de mais informações suas. O que você pode me dizer sobre as pessoas que têm você? É uma ou duas pessoas ou mais?

Eu estou duro feito uma tábua. Meus dedos fechados em uma garra e minha mandíbula tensa, enviando dor para as minhas têmporas.

— Ok. Bom trabalho. Você tem algum lugar para se esconder? —

Ele começa a andar. — Vai lá. Fique lá. Não saia. Estamos fazendo tudo para encontrar você. Guarde o último da bateria para ligar o GPS e tentaremos rastrear a sua posição. Preciso que você verifique se o GPS está ligado. Você sabe onde procurar? — Ele para de repente em seu caminho. — Sim, sim, isso mesmo. — West inclina o queixo para cima, olhando para o céu. Não sei por que. É algo que Morgan disse?

— Ok, Morgan. Espere. — Ele corre em minha direção e pressiona o telefone contra a minha bochecha.

— Eu te amo, — diz Morgan, fracamente.

— Eu amo você, Morgan. Eu te amo muito. Eu prometo que vamos encontrar você, baby – apenas espere por mim. Lute por nós! Morgan, me desculpe. Eu sinto muito.

Ela está chorando. — Tchau, meu amor.

A linha fica morta.

CAPÍTULO CINCO

O lobo

Nada está indo como planejado. O longo trecho da estrada não faz nada para diminuir a ira ardente que me deixa furioso. Fecho os olhos, cego para o possível tráfego que se aproxima, e pergunto-me se preciso de um equipamento de visão noturna de Winston, ou se posso encontrar Morgan antes do pôr do sol com o que tenho. Tempo é essencial.

Meu telefone de trabalho toca. Eu abro meus olhos e alcanço o console. *Número privado* pisca na tela.

— Olá.

— Que telefone você perdeu? — É um tom preocupado.

— Nenhum, — eu respondo, tão suave quanto manteiga.

— Certeza disso?

— Sim.

— Besteira. Morgan tem um telefone, seu filho da puta e ela fez contato com o marido.

— O quê? — Eu penso muito. — Ah, merda! Meu celular de emergência estava no meu bolso. — Eu recolho o volante em um puxão duro e dirijo para o lado da estrada. Os pneus do meu carro vão deslizando através da terra até eu chegar a um ponto morto. — Meu celular de emergência, — repito, acariciando meus bolsos. Não está lá. — Essa puta do caralho.

— Você tem isso sob controle ou você precisa de uma passagem de avião para fora daqui?

— Eu vou resolver isso.

— O que há nesse telefone? É aquele que você está chamando Reid, ou ...

— É o que eu levo para o mato comigo. Não há nada nele. — Eu paro. — Oh, merda, existe.

— Ela vai descobrir?

— Ela vai chegar perto.

— Como ela–

— Me apunhalou nas costas com uma tesoura.

— Merda. — Um rosnado tenso se segue.

Eu escuto vozes.

— Eu tenho que ir.

A linha fica morta.

— Porraaaaa, — eu rosno, mas depois eu paro. Eu fecho meus olhos. Penso. Eu posso rastrear o GPS. Meus lábios puxam em um sorriso. Parece que isso pode se tornar o melhor resultado nas circunstâncias em que me vi envolvido.

— Eu estou indo para você, Red, — eu respiro, puxando o volante e completando um retorno.

Eu preciso encontrar Morgan agora.

“Há um lobo no escuro, no escuro,

Vire-se, não seja cego, você pode encontrá-lo.

Há uma casa no escuro, no escuro.

Há uma luz na colina ... PARE! Olhe atrás de você.

Nunca pare de correr. Nunca pare de procurar. Ou o lobo irá destruir você.”

A voz da minha mãe está cantando a música “The Wolf” na minha cabeça – a música que ela cantou para nós todas as manhãs a partir da idade que eu fiz cinco anos. É uma música criada para nos ensinar a correr se ficássemos assustados, pois o mal sempre está atrás de você.

Eu rio, uma gargalhada. Nunca corro. Nunca me assusto. Eu era o lobo em formação e minha mãe era cega para o monstro que ela mesma criou.

Hooooonk! Hoooonk!

Um vislumbre de um caminhão de gado branco pega o canto do meu olho.

Eu arranco o volante com força, balançando sobre o terreno acidentado do lado da estrada. *Puta merda. Eu não vi isso chegando*. Eu levanto minha mão em uma oferta de desculpas ao motorista do pequeno caminhão de gado que continua passando por mim.

De onde diabos ele veio? Melhor ainda, o que diabos ele está fazendo aqui?

As rodas do ute[5] giram enquanto recupero minha posição na estrada. Eu dirijo por mais de dez quilômetros com todos os pensamentos possíveis me atormentando – isto é, até que eu repito a ligação que recebi na minha cabeça. Eu preciso resolver isso e rápido. Uma volta difícil à esquerda me coloca no longo trecho final da estrada que me levará para casa. Eu respiro e procuro por algo para ocupar minha mente. Donna Martin. Red Número Três. Agora isso é entretenimento. Eu preciso da pressa de endorfinas. Eu preciso assistir a morte dela.

Toda vez que ela chuta dentro do porta-malas, eu aumento a música alguns cliques mais altos para encobrir os seus ruídos. Demora uma hora antes de ela parar. Elas sempre desistem no final. Elas são

[5] Abreviação de *Utility* – são automóveis com força para andar em terrenos pesados e levar cargas ao mesmo tempo, por exemplo: Um jipe.

todas armas de fogo para começar, então mortas em sua bunda em um período tão curto.

Rio divertido.

Quando vejo o sinal de Waltux[6] a distância, diminuo o ritmo do meu sedan, preparando-me para pegar a rampa de saída. Eu me misturo à esquerda sem problemas e cruzo uma rua estreita até chegar em frente às bombas de gasolina. A agulha laranja no meu medidor fica em um quarto cheio quando eu saio do carro. Melhor eu não correr o risco de ficar sem gasolina antes de ver outro posto de combustível. Eu pego o bocal de seu suporte.

Donna não faz um som enquanto o combustível entra no tanque, mas mesmo que ela grite, isso não vai me atrapalhar. As pessoas são muito estúpidas para se intrometer no negócio dos outros, ou acreditam em qualquer história que você diga a elas.

Eu aperto o botão de trava central na etiqueta da chave, travando o carro e vou para a pequena loja no local. Eu pego um lanche e uma bebida, e nenhuma pessoa no prédio demonstra a menor consciência de que eles sabem o que eu estou abrigando – uma mulher que precisa ser punida dentro do meu porta-malas. Eu sorrio para o pensamento.

[6] Empresa de transporte variados.

Vou de volta para o meu veículo, preparado para começar o resto da viagem para casa.

Um homem vestindo uma jaqueta laranja fluorescente se aproxima com relutância e levanta a mão em uma pose de sinal de parada. Ele faz uma pausa quando chega ao capô. — Eu estou perdido. — Os olhos do homem escaneiam um dispositivo que ele segurou em sua mão.

— Oh. — Eu passo em direção a ele.

— Estou tentando chegar a Mackay, mas não tenho certeza de qual saída eu preciso fazer. — Ele aponta para um mapa ampliado na tela quando eu o alcanço.

— Este aqui, companheiro. — Eu sorrio, apontando para a tela.

Seus lábios se curvam para cima. — Eu te conheço? — Suas sobrancelhas se inclinam para baixo, e eu não tenho certeza se é porque ele está tentando me reconhecer ou se é devido aos raios reflexivos fortes que saltam do capô. Seus olhos se voltam para os meus. Fica olhando. Eu acho que ele estava pensando.

— Não tenho certeza, companheiro. — Eu ofereço um sorriso

cheio de dentes.

— Obrigado por sua ajuda. — Ele dá um tapinha no meu ombro e se vira.

Um grito estridente me faz virar a cabeça na direção do porta-malas. Eu rapidamente volto a minha visão para o homem que havia virado as costas para mim apenas momentos atrás.

— Companheiro. — O estranho se vira em seus pés e me olha com ar de preocupação.

— Sim. — Um olhar de culpa levantará questões. Um sorriso suave vai apagar a suspeita. Eu sorrio.

— Você ouviu isso?

— Sim, companheiro, eu fiz. — Eu aceno, e depois olho para a mata vazia ao lado do posto. — Eu não tenho certeza de onde veio, você tem?

— Não faço ideia, — diz ele quando ele oferece um aceno desanimado e vira as costas para mim mais uma vez.

Casualmente, levanto a maçaneta e escorrego para o banco do

motorista. Eu tomo meu tempo colocando minha bebida no porta-copos e minha comida no banco do passageiro antes. Eu ligo a ignição. Meu joelho estala quando pressiono meu pé com força no pedal e acelero, tão gelado quanto um pepino[7].

— Ninguém vai te ajudar, Red, — eu grito no momento em que eu alcanço o limite de velocidade de cem quilômetros.

Ainda me lembro do cenário verde ousado que passou por mim enquanto relaxava no meu lugar e tocava músicas do AC / DC como se fosse ontem. Se eu pudesse voltar e viver cada captura e matar de novo e de novo. Suspiro antes de voltar às minhas memórias.

Suas pernas tremem quando eu a levanto pelos braços. Envolvo suas mãos em fita adesiva. Eu a empurro até ela cair no chão com um grito rouco e poderoso.

O calor do sol faz com que os ombros pálidos e sardentos se tornem rosados quando recebem o impacto dos raios de sol. Sua cabeça está pendurada para baixo, enquanto vou na sua direção. Coloco minha bota no meio das costas dela, ajusto minha máscara, depois aplico pressão, só um pouquinho para começar, depois mais até as costas dela emitirem sons estridentes e ela soltar sua agonia.

[7] É um modo de falar, como a autora apresentou, haverá muitas gírias. A frase quer dizer que apesar da situação em que ele estava, agiu calmamente.

— Meus joelhos. — Ela calça soluços altos. — Meus joelhos estão cortando, pare.

— Este é apenas o começo.

Meu pau pula dentro das minhas calças enquanto imagino Donna lá, submetida diante de mim. Eu aperto o indicador e viro à esquerda. — Oh, as memórias.

— Por favor. Por favor, deixe-me ir.

— Okay, Red, você está livre para ir. Deixe-me cortar a fita. — Eu brinco com ela.

— Realmente? — Sua voz treme.

— Não, sua puta idiota. — Eu corro meus dedos até sua coxa, parando na parte inferior de sua Daisy Dukes [8] *, respirando profundamente em seu ouvido.*

Ela suga uma respiração pesada. — Por favor. Não.

— Eu estou entediado com você, pequeno cordeiro, — eu sussurro contra sua bochecha.

Ela reclama em resposta, o que me irrita.

[8] São os shorts cortados bem justos e curtos, originados de uma calça jeans bem velha.

— Vamos jogar um jogo. Você gosta de jogos, Red?

Ela balança a cabeça e grita, — Não.

Eu deslizo meu pé para a parte de trás de sua cabeça e o uso para empurrar seu nariz nas rochas. — Eu vou perguntar de novo. Você gosta de jogar jogos, Red?

— Não, — ela grita.

Eu caio no chão fora do alcance do braço dela. Tudo o que eu estava esperando está em movimento. Excitação gira através do meu estômago e sobe no meu peito. A necessidade de caçar prolifera e envia adrenalina aos meus membros.

Quão longe ela vai ficar?

Até onde posso empurrá-la?

Afinal, eu ainda estou aperfeiçoando minhas habilidades, e há muito mais que eu quero tentar ... aprender.

— Você vai precisar disso, — eu digo, entregando-lhe a bolsa que eu tinha preparado antes. — Agora lembre-se, estou sempre assistindo. Siga o caminho que leva à mata nativa e você encontrará a primeira

peça do seu quebra-cabeça.

Assobio enquanto me afasto e volto para o carro.

Eu dirijo, deixando-a encalhada lá, só que eu não vou longe demais – o suficiente para que ela não possa me ver, mas eu posso vê-la através do par de binóculos que eu tenho na minha frente.

Donna recupera a mochila enquanto eu sento, em marcha lenta. Ela aperta entre as pontas dos dedos, as mãos ainda amarradas na frente dela. Ela nunca abre a bolsa. Em vez disso, ela se levanta e corre direto para a mata nativa.

Eu ergo minha cabeça e esfrego meu queixo. Minha última Red não começou desta forma. Em vez disso, ela sentou no chão por muito tempo, chorando sem parar.

— Hmmm, — eu murmuro.

A plena luz do dia era um presente para Donna. Red dois, Cheryl Riddell, foi jogada no escuro da noite. Eu precisava experimentar. Eu queria testar a diferença de uma luz do dia começando ao longo da noite, e parecia que uma mulher era menos destemida da mata nativa

sob a luz forte do sol. É apenas uma questão de esperar para ver a diferença em quanto tempo elas podem jogar e com que rapidez elas morrem.

Eu estaciono o carro na frente da minha casa e bato a porta do carro com força na saída. *Morgan está fodendo com toda a minha agenda*. Eu entro na minha cabana e vou direto para o quarto. Quando eu alcanço o rádio da polícia, eu rolo o botão entre as pontas dos meus dedos até que ele não possa mais avançar. Há muita conversa, mas nada disso é sobre o corpo que deixei para os policiais ou Morgan Banks.

— Bem, isso é decepcionante, — eu rosno.

Coloco o banquinho na frente do computador, no canto mais distante da sala. Deslocando o mouse, a tela é aberta. Cada dedo que bate no teclado me deixa um passo mais perto de recuperar meu aparelho. Eu digito os códigos necessários para executar a varredura GPS no celular que Morgan roubou de mim; é assim que vou encontrá-la. Levará algumas horas, mas logo ela será um pato sentado em uma vasta paisagem.

Não feche os olhos, Red, nem pisque. Eu estou indo atrás de você,

e quando eu chegar até você, vou moer seus fodidos ossos ao pó.

A morte de Morgan será mais dolorosa do que ela jamais sonhou que poderia ser. Quando ela estiver extinta, vou embrulhar sua pele e carne e enviá-las para sua família peça por merda de peça.

CAPÍTULO SEIS

Reid

No caminho de casa, nem uma palavra é trocada. Eu acho que a percepção do choque que Morgan ainda está viva salta através de cada um dos nossos corações.

Ronald vai no banco da frente, enquanto Kylee se senta ao meu lado no banco de trás do carro de West. Ela coloca sua mão em cima da minha. Eu não a afasto. Em vez disso, saúdo o calor que seu toque proporciona.

Morgan não está apenas viva, mas ela encontrou uma maneira de pedir ajuda.

Eu luto com sentimentos de desespero, e com aqueles que gritam para eu reunir um grupo de busca, um que eu posso levar através do mato, através das montanhas, até o próprio diabo, até que eu encontre minha esposa.

Eu não posso procurar por Morgan. Eu sei isso. Também sei que

preciso encontrar uma maneira de confiar em West, Gleaton e no resto da força policial. Eu ainda não posso.

Eu não confio em nenhum deles.

O alpendre está cheio de corpos quando West puxa o carro atrás do veículo de Maloney que está parado no meio-fio desde a manhã em que ele apareceu na casa.

Por que Maloney? Por que ele atendeu a chamada de emergência que fiz na noite em que Morgan desapareceu? Por que ele voltou depois que nos separamos? Por que ele está ficando comigo?

Eu sacudo minha cabeça. Pare com isso, eu me repreendo.

Linda é a primeira a percorrer o caminho, seguida por mamãe, papai, John e Natalie. Lágrimas correm dos olhos de Linda quando ela se aproxima. Seus braços estão esticados enquanto ela colide com o meu peito. — Morgan está viva. Ela está viva, — Linda soluça contra o meu pescoço. — Como ela parecia? Quando ela ligou para você, como ela parecia, Reid? — Meus olhos se estreitam. Eu agarro os braços de Linda com firmeza e puxo-a para mim até ela está perto.

— O que? Como você sabia que Morgan ligou? — Eu estudo os

olhos inchados e vermelhos de Linda, esperando por uma resposta, por uma mentira que ela possa contar. Minhas unhas cravam em sua pele e posso sentir sua carne afundando abaixo delas. *Eu não confio em ninguém*.

— Ronald enviou um texto para John. Todos nós sabemos. — Linda endurece como uma tábua. Suas íris se expandem. — Reid, — diz ela, quase inaudível.

— Desculpe. — Eu retiro minhas mãos de sua pele. — Eu não deveria ter agarrado você assim. Eu sinto muito.

— Está tudo bem. — Linda esfrega o braço com a mão oposta. — Tudo bem, — ela soluça.

— Morgan. — Minha voz racha. — Ela parecia esgotada de toda energia. A voz dela foi ríspida, ela disse adeus.

— Adeus! — Linda grita.

Eu aceno.

— Não, ela não pode. — A boca de Linda se alarga. — Não! — Ela estala, batendo os lábios juntos.

— Para dentro. — O tom de West é curto e direto quando ele passa por nós. — Entre. Eu tenho que passar por algumas coisas com todos vocês. Precisamos nos informar, e então preciso dar o fora daqui e fazer meu trabalho. Morgan está em seus últimos passos. Nós não temos tempo.

Como matilha, entramos pela porta.

Maloney e Prospect nos olham da mesa. Garrafas de água descansam em seu centro, como os dois policiais sentados ali sabiam que este seria o próximo passo.

Minha cabeça gira enquanto meus olhos se conectam com os de Maloney. Será que ele verificou o lugar como o West disse para fazer? Ele checou meus filhos? O desconforto se instala no meu estômago enquanto olho para o policial que esteve comigo o tempo todo. *Maloney poderia estar por trás do desaparecimento de Morgan? Como ele poderia estar? Ele não saiu do meu lado.*

Eu limpo minha garganta. — Max, as crianças têm alguma ideia do que aconteceu hoje de manhã?

Maloney sacode a cabeça. — Não, elas não têm ideia. — Seus olhos estudam os meus. Há uma longa pausa. — Eu verifiquei seus

filhos e Shirley assim que cheguei aqui, e eles estão bem. Ela os mantém bem ocupados.

Eu aceno, sentindo uma sensação sutil de alívio. Quanto menos pessoas eu tiver que me preocupar agora, melhor para mim.

— Sente-se, — diz West, debruçado sobre a mesa. Suas palmas são planas contra a superfície, os nós dos dedos eram brancos entre as manchas vermelhas. — Eu preciso de todos vocês para ouvir. Eu não vou estar atualizando ninguém daqui em diante. Isso é o que sabemos.

Ele volta sua atenção para o relógio pendurado na parede e, em seguida, rebate sua visão de volta para mim. — O relógio está correndo, e o Detetive Gleaton e eu precisamos voltar à delegacia porque temos vários esquadrões de crimes táticos vindos de Brisbane. Eles vão pousar nos próximos trinta minutos.

— Uma equipe? — Eu puxo um assento e sento.

— Sim. Equipes especializadas em pesquisa e captura. Nós vamos ter o grupo para encontrar Morgan; nós só precisamos de uma localização aproximada.

Mamãe se senta ao meu lado, sua mão segurando a minha com

força. Uma dor surda irradia dos meus dedos pela pressão de seu aperto.

Papai coloca a mão no meu ombro quando puxa o banco ao meu lado e se senta. Eu não tenho que olhar para saber que é meu pai porque eu posso ouvir cada respiração agitada que ele está tomando. *Apoio*.

Olhando em frente a mim, vejo Linda, John, Maloney, e Prospect. *Onde está Natalie?* Eu inclino minha cabeça para frente, apenas para encontrar Natalie mastigando sua unha, sentada ao lado de papai.

West fica em pé e depois se move para a cadeira na cabeceira da mesa. Ele não se senta. Em vez disso, ele segura o encosto.

— Morgan fez contato. Ela tem um celular que tem uma bateria fraca. Estamos rastreando o GPS. No momento em que o telefone morrer, não podemos mais rastrear sua localização. Sabemos que esta é a nossa melhor chance de identificar exatamente onde ela está.

— Ela lhe contou alguma coisa que lhe dá uma ideia de onde procurar? — Kylee passa um tecido contra a bochecha dela.

— Isso não é informação que você precisa saber. O que você

precisa saber é que sua filha está viva e o contato foi feito. Ela está fazendo o melhor para nos ajudar.

— Ok. — A voz de Kylee é suave.

— A Detetive Dyson pôde confirmar que Vactrim e Winston são a mesma pessoa. Estamos no processo de localizá-lo também, — continua West.

— É o Falcon. Ele a tem.

Eu olho para West. Ele sacode a cabeça. — Ele não pode.

Eu estreito meus olhos e aperto meu queixo. — Besteira.

— Falcon Sampson morreu. Ele está morto há seis anos. — Meu queixo se abre, expondo meus dentes.

— O quê? — A expressão chocada de Linda combina com a minha.

Descrença, raiva e confusão me inundam como um mar furioso, batendo com força na praia. Minhas mãos se fecham em punhos e minha necessidade de socar alguém, qualquer um, cresce até o ponto em que eu pulo da cadeira.

— Sente-se, — West late.

Eu faço.

— Recebi uma ligação do médico legista hoje de manhã antes de irmos ao hospital. Ele foi em uma extensa pesquisa dos registros de morte para Falcon. Era mais rápido fazê-lo do que esperar por Nascimentos, Mortes e Casamentos. A princípio, parecia um labirinto de becos sem saída, mas ele os localizou.

Eu olho nos olhos de West. Eles estão caídos e vidrados.

— Reid. — Ele faz uma pausa, deixando a cabeça cair enquanto aperta a abertura do nariz. — Falcon cometeu suicídio. Ele deixou uma nota que mostra que os registros tinham o nome de Morgan. Nós não temos essa nota, e nosso sistema não parece conter uma cópia dessa nota. Mas o relatório do legista discute especificamente uma carta recuperada e revisada para finalizar a causa da morte de Falcon. O nome de Morgan, junto com outros, foi listado em suas descobertas.

Minha boca se abre, assim como meus olhos.

— A mãe de Falcon possuía a cópia original da carta. Foi devolvido a ela quando a investigação foi encerrada. Ela já faleceu, então nós acreditamos que seu irmão vai tê-lo agora.

— Vactrim, — eu digo.

— O primeiro e o mesmo[9], — West responde.

— Ok. — Minha voz treme.

— Nós também precisamos encontrar o seu irmão.

— Meu irmão não iria–

— Seu irmão não foi localizado. Ele é um fantasma no vento neste momento. Cruise não fez nenhum contato com ninguém da rede de televisão com a qual ele trabalha, com Natalie, você ou seus pais. Ninguém sabe onde ele está. Ele pousou de volta na Austrália, e do aeroporto ele parece ter desaparecido. Vamos fazer o nosso trabalho, e Reid fique com Maloney.

— Ok. — *Eu ainda tenho uma escolha?*

— Eu vou continuar tentando falar com ele, — Natalie diz baixinho, suavemente.

West acena na direção de Natalie antes de dizer, — Vamos, Eric.

[9] Não encontrei um jeito para substituir, mas acho que fica claro como a mesma pessoa. Pode ficar estranho, mas faz parte do vocábulo que a autora explicou.

Há uma limpeza de uma garganta que me faz girar minha bunda até minha cabeça se torcer para a porta da frente. O mesmo homem alto, de ombros largos e musculoso que apareceu na casa com Linda ontem está agora na porta segurando um pacote.

— Dusty. — Linda corre direto para ele.

— Ei, querida. Eu vim o mais rápido que pude, — ele diz, pegando Linda pela cintura. Ele a coloca perto dele. — Morgan ligou. É uma ótima notícia para você, querida.

Dusty sabe que Morgan também ligou?

— Você pode querer checar isso. Um entregador acabou de me entregar este pacote. É endereçado a Reid e não há endereço de retorno no verso. Eu chequei. O motorista está na rua em sua van, esperando. Eu disse que você poderia ter perguntas. — Dusty revela uma bolsa branca por trás das costas.

West caminha em direção a ele.

— Poderia ser alguma coisa, certo? — Ele segura o pacote. West dá um passo atrás.

— Não. Você coloca na mesa. Quanto menos mãos tocarem isso

sem luvas, melhor. Se é do sequestrador de Morgan, podemos ter uma impressão na embalagem.

— Claro, — Dusty diz antes de dar passos largos e coloca a mochila na mesa.

— Max, você pode me dar uma faca? — West sacode os olhos do pacote para Maloney.

— Sim. — A resposta de Maloney é imediata, e tão rápido quanto ele foi, ele retorna, segurando uma faca. — Você quer que eu abra? — Suas sobrancelhas levantam.

— Não. Coloque a faca na mesa. Eu vou. Vou precisar de luvas. Não quero arriscar nenhuma evidência desnecessariamente contaminada neste momento. Elas estão no meu carro. — West não anda em direção à porta da frente para ir ao seu carro. Em vez disso, ele espreita o pacote. — Alguém me dê algumas luvas, — ele estala enquanto Prospect aparece atrás dele segurando um par de luvas de látex creme. *Como ele faz aquilo?*

— Obrigado. — West as desliza, sobre a pulseira em seu pulso antes de pegar a faca e delicadamente passar a lâmina ao longo do topo do pacote.

— O que tem aí? — A voz de mamãe tremula tanto quanto minhas mãos.

West não responde.

West coloca uma pequena caixa de papelão na mesa. — Bolsa de provas, — ele murmura. Prospect aparece novamente, segurando uma sacola clara com a palavra *evidência* escrita a sua frente.

— Obrigado. — West desliza a bolsa postal para dentro, então Prospect sela o topo. Pegando a faca mais uma vez, West corta entre as duas dobras gravadas juntas no topo da caixa. Ele muda a cabeça até bloquear minha visão.

— Três sacos de evidência, — diz ele, fechando as dobras novamente.

— O que é isso? — Meu coração bate no meu peito.

— Um anel de casamento. — West não olha para mim quando ele diz isso.

— Morgan?

— Você pode me dizer em um minuto, uma vez que eu tenha

ensacado isso. — West vira de costas para mim. Eu não vejo o que ele coloca em dois sacos, mas no último ele coloca a pequena caixa que continha o anel.

O braço de West se estende. Um saco pendurado na ponta dos dedos e eu puxo-o de seu aperto dentro de um segundo.

Uma fina faixa de ouro está descansando na parte inferior. Eu viro o anel de lado e procuro a marca e o arranhão que eu conheço, um arranhão causado por uma raquete de plástico em um jogo de Espirobol[10] que montamos em nosso quintal no ano passado. Eu fecho meus olhos e vejo as partes finais da minha esperança se agitarem como patos indo para o sul no inverno. — É dela.

— O que tem na outra bolsa? — John murmura.

— Um bilhete fino de papel. — Prospect me olha, mesmo que não fui eu quem perguntei.

— O que isso diz? — John estende sua mão trêmula, como se ele quisesse que Prospect passasse o item para ele.

— Morte. Agora nos separamos, — West responde.

[10] **Espirobol**, às vezes grafado como *espiribol*, é um esporte em que um poste possui uma bola envolta por uma rede e está por sua vez amarrada ao topo do poste por uma corda, em que jogadores adversários ou duas duplas adversárias devem enrolar a bola no seu próprio sentido antes que a dupla ou jogador adversário o faça.

— O que isso significa? — Kylee chora. A sala fica em silêncio.

Isso significa que seu sequestrador encontrou Morgan antes que a polícia pudesse?

Meu mundo se despedaça ao meu redor, só que desta vez sei que não haverá uma segunda chance. Se esse filho da puta encontrou minha esposa e a matou, então eu o caçarei como um cão raivoso e o machucarei, mesmo que isso me leve o resto da minha vida.

Morgan, vou vingar sua morte.

CAPÍTULO SETE

Morgan

Adeus. É a última coisa que eu disse ao meu marido, e enquanto me sento entre a rocha e a pedra que me aventurei desde antes, não posso deixar de me perguntar se foi a última vez que vou dizer adeus a Reid.

O medo em seu tom era palpável. As poucas palavras que ele falou gritaram sua tortura. Eu quero tirar a dor dele tanto quanto eu quero diminuir a minha. Uma lágrima salta aos meus olhos, depois desce pela minha bochecha. Eu tiro minha língua para fora do canto da minha boca e a pego. Estou com tanta sede que essa única lágrima é melhor do que nenhum líquido.

Minha boca está seca. Minha língua é áspera como uma lixa. Meus lábios ardem e sangram. Eu daria qualquer coisa por uma bebida.

Um rosnado poderoso e doloroso vibra no meu estômago, me dizendo que eu não comi por dias. Eu não sinto fome mesmo. Em vez disso, me sinto doente.

Insetos mexem abaixo da superfície da minha pele. Eu sei que eles não estão lá, embora minha mente tente me convencer que eles estão. Eu posso visualizá-los se movendo em filas. Eu coço minha pele. Eu mordo meus pulsos. Eu mordo meus dedos.

Eu estou dentro do meu próprio inferno.

Minha visão muda entre obscuro, irregular e claro, e com essas variações, minha mente também muda. Em um minuto, estou chegando a planos extravagantes de fuga e, no próximo, estou focado no marcador de porcentagem que indica quanto de energia da bateria resta no telefone, sem a intenção de drenar.

As trevas muitas vezes ameaçam me levar para um lugar onde não consigo pensar, sentir, ou estar ciente. Eu luto contra isso, mas logo sei que vou falhar. É só uma questão de tempo.

A necessidade de dormir está fazendo meus olhos arderem, e impedi-los de fechar torna-se mais difícil a cada vez que uma onda de cansaço percorre meu cérebro. Estou com muito medo de descansar, então continuo lutando para ficar acordada, mas depois do que parece ser a centésima vez, eu não sou forte o suficiente para passar pela sensação de entorpecimento do cérebro. Com o último bater de

minhas pálpebras, eu gemo. — Merda.

Eu estou andando pelo longo corredor que separa cada espaço de escritório do outro. Quando eu chegar ao final do corredor, eu vou entrar na minha porta. Cada passo que eu dou fica mais rápido à medida que a excitação borbulha no fundo do meu estômago, mas não sei por que estou tão animada.

O corredor de repente se enche de luz ofuscante; é tão poderoso que eu protejo meus olhos e coloco meu queixo no meu peito.

— Olá, — eu sussurro, sem saber o que está acontecendo.

Não há resposta.

— Ei, linda. — Linda enrola o dedo em seu cabelo vermelho quando ela estoura um chiclete e sorri em minha direção. A luz desapareceu e agora estou sentada na minha mesa no trabalho. Eu me sinto irritada. Estressada. Sobrecarregada.

— O que há de errado? — Linda inclina a cabeça para o lado.

— Muito ocupada, — eu gemo.

— Me fale sobre isso. Tem sido uma semana louca por aí. Eu

gostaria de nunca mais voltar de Canberra agora. Como você está indo?

— Estou chateada com toda a situação, para ser honesta. Eu sabia que íamos afundar na água quente com a conta de George Anderson, mas eu ainda participei.

— A União Sully disse que as ameaças de morte vieram hoje.

Eu concordo. — Foi um grande erro, e não sei como a empresa vai consertar isso.

— Não se preocupe com isso. Você desempenhou um papel tão pequeno que não terá nenhum impacto em você.

— Hmmm, — eu gemo.

— Talvez devêssemos ir a Canberra até o calor acabar.

— Sobre isso. — Eu torço minha cadeira até meus ombros estarem quadrados na frente de Linda. — Você acha que Reid está agindo de forma estranha?

Linda encolhe os ombros. — Eu não o vejo desde que voltei.

— Ele estava agindo de forma estranha em Canberra?

— Não saberia. Eu só o vi brevemente. Nós tomamos uma bebida. Eu contei a ele sobre a chata conferência que passei e ele me contou sobre as rebitagens que ele iria gostar.

— Isso soa bem como vocês dois.

— As coisas pioraram com Reid e você? Ele ainda está sendo mal-humorado? Um babaca?

— Sim. — Eu rolo meus olhos. Uma coceira horrível circunda meu pulso. Eu arranho isso por mania.

— Você parece pálida. Está suando, mas está tremendo e coçando. Por que seu escritório está tão frio? Quão alto você ligou o ar?

— Eu estou? — Eu corro minha mão trêmula pela minha testa, e está úmida. — Eu não percebi. Talvez essa grande merda esteja mexendo com a minha cabeça ainda mais do que eu percebi. Ou pode ser hormônios. — Eu sei por que isso está acontecendo. Eu preciso de mais meus analgésicos. Eu preciso de uma dose. Eu preciso das drogas que estão controlando minha vida.

Isso parece ser algo que estou experimentando cada vez mais à medida que as semanas passam. Eu preciso parar de tomar todas essas

pílulas. Eu nem tenho dor. Eu não estou sofrendo de ansiedade, e opiáceos[11]? O que diabos eu estou pensando?

Estalo, estalo.

Eu olho para Linda, que estala os dedos mais uma vez. — Terra para Morgan.

— Huh?

— Você há pouco se distraiu.

— Eu fiz.

Ela balança a cabeça. — Talvez você esteja com alguma coisa?

— Sim, provavelmente é isso.

— É melhor eu correr. — Os lábios de Linda se esticam em seu rosto antes que ela se vire, e eu a vejo afastar a porta e passar pela janela.

— Obrigada, porra, ela se foi.

Minha bolsa está debaixo das gavetas da minha mesa. Eu me inclino e procuro por sua alça e depois a coloco no meu colo. O zíper

[11] Os opiáceos são uma classe de drogas comumente prescrita para tratar a dor. Alguns exemplos são oxicodona, hidromorfona e morfina.

comprido volta com facilidade e, sem olhar para os rótulos das garrafinhas laranja, eu me agarro a dois. Uso meus dentes para abrir as tampas e derramo os comprimidos nas palmas das mãos. Eu jogo minha cabeça para trás, jogo seis comprimidos em minha boca e os afundei com a garrafa de água que eu pego da minha mesa.

Se controle, Morgan.

— Sala de conferências agora. — Eu só vejo um flash de Brett quando ele diz isso.

Antes mesmo de ficar de pé, a sala se enche com a mesma luz ofuscante que experimentei antes, só que desta vez a luz desaparece para completar a escuridão. Eu corro minhas mãos no ar, tentando localizar minha mesa. Nada.

— Olá? — Eu chamo com a minha voz apenas um ruído.

Não há resposta.

Thump. Thump. Thump. Cada batida do meu coração é tão alta que ecoa ao redor da minha cabeça. — Olá?

— Red, você quer jogar meu jogo? — Há uma risada estranha. — Você precisa ser punida. O que você fez, Morgan?

— Nada. — Eu ando, tentando e navego no escuro com meus braços estendidos.

— Você vai pagar pelo que você fez. — Sua voz é familiar, profunda.

Ali está assobiando.

Eu dou um passo à frente e pressiono todo o meu peso no pé da frente quando penso em correr, mas antes que eu tenha a chance, meu tornozelo é arrancado de baixo de mim e eu encaro o chão com um alto huff expelindo do meu peito.

— Você é a décima terceira cadela para jogar o meu jogo.

— Que jogo? — É quase inaudível.

— O Jogo da Vida.

A pressão é aplicada no meu pescoço. Meu rosto aquece enquanto eu luto para reivindicar qualquer ar.

— Quem é você? — Eu engasgo quando meus olhos se alargam.

— Eu sou o seu pior pesadelo.

Ele solta uma gargalhada estrondosa.

Meus olhos se abrem. Meus braços envolvem algo duro.

Eu vomito. Eu tusso. Eu suspiro.

— Ajuda. — É uma libertação fraca.

Cada respiração que tomo fica mais lenta e constante. As cores cinza, verde, marrom e azul, todas se misturam numa massa gigantesca até que eventualmente elas se igualam e vejo árvores, folhas, o céu e depois uma parede de pedra.

Foi um sonho. Eu dormi.

Oh, foda-se. O lobo está perto?

CAPÍTULO OITO

Morgan

— Reid, filho, você precisa se acalmar. — Papai aperta minha mão na frente do meu rosto. — Isso não significa nada. O lunático está brincando com você, assim como ele tem feito o tempo todo. Ele está jogando um jogo. É o que você me disse. — Papai faz uma pausa. Seus olhos azuis estão arregalados e encarando os meus. — Você falou com Morgan; você sabe que ela ainda está viva. Não deixe a fachada do anel de casamento bagunçar sua cabeça.

Concordo com a cabeça, rangendo os dentes de trás, e bufo freneticamente.

— Seu pai está certo. — Gleaton toma o lugar de papai em segurar meu punho. — Nós vamos encontrá-la. Apenas relaxe.

Eu respiro mais devagar, mais prolongado.

— Você fez tudo o que pedimos de você. Agora, faça mais uma coisa por nós. Fique aqui com Max e sua família e deixe-nos trazer sua

esposa para casa. Não tente ligar para ela; precisamos preservar a bateria. Nós ligaremos para você assim que soubermos de alguma coisa.

Meus olhos ardem. Lágrimas ameaçam derramar deles enquanto minha garganta queima de raiva, tristeza e desespero.

— *Ok*, — eu falo.

Gleaton empurra minha mão até que ela esteja abaixada na minha coxa. Seus olhos estão vidrados e bolsas pesadas incham abaixo deles. — Você saberá assim que a tivermos.

Eu sacudo minha cabeça.

— Espere aqui.

Eu concordo.

Quando Gleaton desaparece do meu ponto de vista, deixo cair meus ombros em derrota. Minhas pernas parecem geleia, e meu estômago queima um rastro de ácido na parte de trás da minha língua – minha língua, que parece couro dentro da minha boca seca. Estou com sede, realmente com muita sede. Eu também preciso de um momento para respirar, para ficar sozinho, então eu evito meu pai e as

garrafas de água na mesa e vou para a cozinha.

Arrastando os pés, caminho até o armário da cozinha e pego um copo. Eu preciso confiar na polícia. Eu tenho que acreditar que nenhum dos policiais que trabalham no caso de minha esposa pode ser responsável por seu sequestro.

Eu seguro o copo embaixo da torneira. Ligo a torneira e encho até a metade. Se eu não encontrar uma maneira de ver que a polícia está do meu lado, eu tenho medo de entrar em combustão.

Todo gole pesado de água me machuca enquanto desce pela minha garganta, mas eu termino cada gota antes de colocar o copo na pia da cozinha.

Eu preciso deixar o meu desejo de correr e lutar, e deixar a lei assumir a luta por mim.

Cada passo que dou é lento e, em pouco tempo, a mão do pai pressiona o meio das minhas costas enquanto ele me guia na direção da mamãe que fica ao lado na sala.

— Reid. — Ela fala suavemente, e quando ela liga as pontas dos dedos com os meus, eu já não sinto a presença do toque do pai ou

orientação.

— Sente-se, amor. — A mãe não solta nossas mãos. Em vez disso, ela abaixa comigo. — Estamos todos aqui. Morgan está vindo para casa. É apenas uma questão de tempo agora.

Há tantas coisas que quero dizer ... então por que não posso dizer nenhuma delas? *Por que não posso vocalizar minhas preocupações?* Coisas como: E se Morgan for encontrada, mas não reparável? E se as coisas que ela experimentou quebraram seu coração e escureceram sua alma pelo resto de sua vida? E se tudo o que ela espera agora for uma agonia angustiante e torturante? Eu vi aquele cadáver no necrotério, e não é preciso ser um gênio para descobrir que a mulher sofreu mais do que qualquer corpo humano deveria ser capaz de receber. A luta de Morgan – já passaram quase três dias inteiros e ela ainda conseguiu ligar e conversar. Isso deve significar alguma coisa. Mas como Morgan vai sobreviver depois que ela escapar do monstro que a levou?

— Reid, olhe para mim. — A voz de mamãe é distante, mas alto o suficiente para ter me zoneando dos meus pensamentos para ver seus lábios se moverem enquanto ela diz, — Um passo de cada vez.

— Eu sei, — murmuro, fazendo contato visual.

— Cada minuto conta. Seja corajoso. Você é forte. Eu criei meus dois meninos para serem lutadores. Vocês garotos são lobos. — Ela faz uma pausa. — Reid, você precisa dormir. Precisa descansar um pouco.

Eu engulo em seco. — Onde está o Cruise?

Os olhos da mãe se fecham. Sua cabeça cai. — Eu gostaria de saber.

— Mãe, e se Cruise fez isso?

— Ele não levou Morgan. — A voz de mamãe é severa e seus olhos são ferozes quando ela vem me olhar. — Ele não machucaria Morgan. Ele te ama. Ele a ama. Ele ama as crianças. Talvez ele tenha ido embora de novo.

— Todos sabemos em que ele estava trabalhando, e por que vocês quatro saíram do exterior como vocês fizeram. Não eram férias pré-planejadas, foi uma fuga. Por que ninguém está discutindo isso?

— Não é relevante. Isso é um show. Isto é vida real, — mamãe bufa.

— Mãe. Mãe, ouça a si mesma. Cruise estava interpretando um personagem que sequestrou uma mulher de maneira brutal. Ele a

segura como resgate e a esconde na porra do mato. Você não acha que talvez, apenas talvez, Cruise tenha quebrado a linha entre ficção e a realidade desapareceu?

— Foi demais para ele. Ele não conseguia lidar com a porcaria que eles estavam colocando em seu personagem. Ele não estava lidando com isso. É por isso que tivemos que tirá-lo do país. Eles tiraram uma folga das filmagens para que ele pudesse se reagrupar e voltar pronto para terminar.

— E agora ele não está em lugar algum e minha esposa está desaparecida. Talvez tenhamos muito medo de ver o que está bem debaixo dos nossos narizes.

— Ele não fez isso. Ele não fez.

O som de soluços me faz virar a minha cabeça. O cabelo de Natalie cria um escudo em volta do rosto dela. Tudo o que vejo é o topo da cabeça dela enquanto fica abaixada. Eu vejo as gotículas de água pingando no chão.

Os pés de Kylee batem no chão e ela envolve os braços ao redor do ombro de Natalie.

Cada um de nós sofre. Se Cruise fez isso, então ele quis quebrar a todos nós. Ele é capaz de matar, embora?

— Ele não fez isso. — Os olhos de mamãe imploram para mim, mas eu não posso dizer a ela não porque ele não está aqui.

— Se ele não fez isso, então onde está–

— Ele não fez isso. — O tom de papai é dominante. Ele está na porta, cada conjunto de olhos no quarto sobre ele. — Reid, você precisa dormir. Avós, nosso trabalho é ao lado, com nossos netos. Natalie, você vem conosco. — Ele faz uma pausa. — John. — Ele para. Ele não oferece mais instruções. — Linda, você parece uma porcaria. Você precisa descansar também.

— Vou levá-la para casa e trazê-la de volta mais tarde, — diz Dusty, com o braço em volta da cintura de Linda.

— Ok. — O tom de papai suaviza. — Max, este é o plano?

— Sim. — Max fica ao lado da televisão com as mãos nos quadris. Ele tenta esconder seu sorriso apertando os lábios em uma linha fina.

— Durma, filho. — Papai bate no meu ombro, fazendo com que uma picada corra pelas minhas costas. — Dormir.

— John. — Eu não digo outra palavra, apenas olho para ele.

— Estarei aqui. Eu vou sentar e conversar com o Max. Limpe-se e fique de olho. Morgan vai precisar de você em breve, ok?

O canto dos meus lábios arqueia. *Morgan vai precisar de mim*.

Cada passo que eu dou na escada tem meus músculos queimando. Eu sinto como se tivesse corrido uma maratona duas vezes. Meu estômago ronca e geme de fome, e mesmo que dói eu ainda não consigo entender a ideia de comer qualquer coisa.

Quando chego à porta do quarto, faço uma pausa. É só por um momento, mas é tempo suficiente para ouvir a batida repentina de outra porta atrás de mim.

Eu torço no meu calcanhar e encaro o corredor. — Morgan, — eu sussurro.

Silenciosamente, um pé na frente do outro, eu me aproximo dos quartos das crianças. Aleeha é onde eu paro.

Eu coloco minha mão na maçaneta e empurro-a bem aberta. — O que você está fazendo aqui?

Meu dedo está apontado na direção de Dusty enquanto ele se inclina sobre a cama de Aleeha.

— Reid. — Ele arremessa seu corpo para mim. Sua mão chicoteia para fora, e ao seu alcance há um pônei roxo. — Linda me pediu para conseguir isso.

— Por quê? — Eu me viro, indo em direção a ele.

— John disse que ela queria, e seus pais estão indo ao lado.

Uma cortina voa me chamando a atenção. A janela de Aleeha está aberta.

Estava aberta mais cedo? Quando foi a última vez que entrei aqui? Eu me lembro de Shirley segurando Aleeha em sua cama; essa foi a última vez que estive aqui no quarto dela. Talvez Kylee e Ronald abriram? Ou foi Dusty?

— A janela. — Eu aponto em sua direção.

Dusty curva o pescoço e olha para trás.

— Você abriu?

— Sim, — diz ele, de frente para mim mais uma vez.

— Por quê?

— O quarto tinha um mau ... — Ele para de falar. — O quarto precisava de um pouco de ar. Eu não consegui segurar.

— Você peidou?

Ele concorda. — Companheiro, eu só vim pegar o pônei como instruído.

— Querido, você tem–

Eu giro no meu calcanhar. Os olhos de Linda estão arregalados. Seus lábios estão apertados.

— Você pediu para ele para pegar esse brinquedo?

— Não, John fez. O que está acontecendo aqui? — Suas sobrancelhas franzem.

— Eu vou explicar lá embaixo. — Dusty caminha em minha direção, virando de lado para deslizar através da abertura entre mim e

o batente da porta. — Eu deixo uma fenda lá. Abri a janela para deixar entrar ar fresco e a porta bateu. Reid levou um susto, eu acho.

Dusty passa Disco Bash, pônei de Aleeha, para Linda.

— Reid. — Linda caminha em minha direção. — Tudo bem. — Ela passa a mão livre pelo meu braço. — Irei verificar que Aleeha receba Disco Bash.

Eu fecho meus olhos e coloco minhas mãos na minha testa. — Apenas vá, — eu bufei.

Eu quero ser o único a levar o brinquedo da minha filha para ela. Dando a ela o conforto que ela procura. Não qualquer outra maldita pessoa.

— Eu vou ligar para você. Lembre-se do que Dusty disse. Mantenha seus olhos nos policiais.

— Por que isso de novo, exatamente? — Eu deixo cair meus braços até minhas mãos balançarem ao meu lado.

Dusty olha para a esquerda, depois para a direita. — Porque há muito eles–

— Linda, você tem o pônei? — John chama. Eu posso ouvir o som de seus pés batendo em cada degrau.

— Consegui, — Linda grita.

Quando a cabeça de John aparece, seus olhos se estreitam. — Reid, o que você ainda está fazendo? Vá e durma um pouco, pelo amor de todas as coisas que são sagradas.

Desloquei meus olhos para Dusty, depois para Linda e depois de volta para John.

— Tudo bem, eu vou. Linda, você vai ficar?

— Eu voltarei mais tarde. — Ela franze a testa. — Você precisa dormir.

— É o que todos vocês continuam me dizendo. — Eu dou um passo para trás. A tensão no corredor é espessa e eu tenho certeza que tudo está vindo de mim. *Quem diabos é esse cara Dusty? E por que diabos ele veio aqui?*

Eu dou quatro passos na direção do meu quarto antes de pressionar meu queixo no meu ombro e olhar para trás.

Os olhos de Linda esperam pelos meus. — *Tudo bem*, — ela fala.

Nada está bem.

Uma parede de umidade bate no meu rosto quando entro no quarto. É sufocante, mas eu não deveria estar muito surpreso. Está tão quente quanto o inferno lá fora hoje. Eu localizo o controle remoto no estojo na parede e pressiono o botão para ligar o ar-condicionado. Se vou dormir um pouco aqui, vou precisar que seja mais frio.

Preciso mijar. Eu arrasto meus pés para o banheiro. Levanto o assento e pressiono minha mão na parede acima da unidade. Enquanto ouço o fluxo de mijo batendo na água abaixo, lembro-me do gotejamento da torneira que John consertou. Forçando o último pingo, eu tremo, puxo a frente da minha calça, e viro bruscamente para procurar o menor gotejamento vindo da torneira – nenhuma uma gotinha escapa. John fez um bom trabalho. Ele está sempre lá quando eu preciso dele, ajudando, conseguindo trabalhos. Somos uma boa equipe, ele e eu, e o fato de que ele está no andar de baixo cuidando do forte agora me traz alguma paz.

Talvez eu possa dormir. Deus sabe que eu preciso disso.

Meus olhos ardem. Partículas ásperas de areia parecem esfregar

atrás das minhas pálpebras toda vez que eu pisco. Eu abro minha boca e bocejo. Foda-se, estou cansado.

Eu acho que deveria tomar banho, e quando eu enfio meu nariz na minha axila e cheiro, é claro que eu preciso – eu cheirei. Mas eu não tomo banho. Em vez disso, tiro minha camiseta sobre a cabeça e vou até a gaveta.

Agarrando uma camiseta preta apertada e um par de shorts de basquete, eu mudo, descartando minhas calças no carpete. Eu fico na janela e olho para a rua abaixo. Estou atordoado, gasto e perdido.

Eles sabem onde Morgan está agora? Eu não posso ligar para ela, mas ela vai tentar me ligar de novo?

— Onde está o meu telefone? — Eu murmuro. — O que?

Meu queixo cai. Minha boca está bem aberta. Um flash de cabelo castanho chama minha atenção. Uma mulher corre para a entrada da garagem. Eu passo mais perto da janela. *Morgan?*

Ela desaparece. Coloco meus olhos na calçada, aguardando seu retorno.

Minha mente está jogando comigo?

— Morgan! — Eu grito quando outro flash de cabelo castanho enche minha visão. Eu vejo-a. Deve ser o Morgan.

Eu me viro e corro pelo corredor até chegar ao topo da escada e quase tropeço todo o caminho. Meus pés batem contra dois dos passos na minha corrida para o fundo. Eu atravessei a porta da frente e, enquanto minhas solas batiam contra o chão, meu coração disparou.

Eu posso ouvir Maloney me chamando. Ele me pega rapidamente. Há pressão sendo aplicada ao meu ombro, me puxando para um ponto morto. Meus olhos se movem, enlouquecidos, enquanto eu procuro freneticamente por Morgan.

Ninguém está aqui fora. Onde ela foi?

— Onde Morgan foi? — Estou ofegante.

— Reid, o que você está fazendo?

Eu tento responder Maloney, mas estou sem fôlego. Eu me inclino, meu coração ainda correndo enquanto minhas pernas pulsam.

Perguntas, muitas perguntas são disparadas contra mim, mas não posso me concentrar em nenhuma delas porque estou a um milhão de milhas de distância, incapaz de entender para onde foi a Morgan.

Maloney bate palmas e eu vejo sua arma, a centímetros do meu lado. Eu quero pegar essa arma do coldre e continuar a correr com ela apontada e pronta para disparar. Morgan tem que estar aqui – isso significa que seu sequestrador também está?

— Reid, onde você está indo?

— John. — Eu o vejo de pé ao lado de Maloney. Eu endireito.

— É ... é ...— Eu tropeço, colocando minhas mãos no topo da minha cabeça. Eu não posso falar.

— Não tenha pressa. Apenas recupere o fôlego, — instrui John.

Eu faço. *E respiro fundo*.

— Morgan. Eu pensei ter visto Morgan. — Eu dobrei ao meio. Eu estou bufando, exausto de energia. Eu pressiono minhas mãos com força em minhas pernas acima dos meus joelhos, tentando conter a queimadura muscular que rasga meus tendões. O revólver de Maloney recupera a minha visão novamente. Eu olho, perdido, enquanto me imagino removendo sua arma e fugindo com ela.

— Onde? Reid, onde você a viu? — Eu posso ouvir o pânico na voz de John.

Eu fico em pé novamente, olhando para Maloney e depois para John. — Bem ali. — Eu aponto na direção da trilha.

— Ninguém está aqui fora, Reid, — Maloney diz calmamente.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu a vi. Tinha que ser Morgan.

Os olhos de Maloney se enchem de tristeza quando ele bate a mão no meu ombro. — Vamos. Vamos tentar descansar um pouco. — Ele suspira.

— Eu a vi, porra.

— Reid–

— Merda, o que é isso? — O tom de John é alto.

— O quê? — Maloney gira a cabeça.

— Lá. — John aponta para nossa caixa de correio.

Um laço cor-de-rosa sustenta uma moita de longos cabelos castanhos. Ela fica pendurada na frente da caixa de correio.

— Estou ligando para o West. Não toque nisso. — Maloney enfia a mão no bolso.

Eu vi Morgan. Ela colocou lá?

Ela está desaparecida mesmo em tudo?

CAPÍTULO NOVE

Morgan

Vibrações enchem minha palma. Levei um tempo para descobrir que estou sentada no chão, segurando o telefone na mão.

Há uma mensagem na tela. Está embaçado, mas eu consigo entender.

Número Desconhecido: *Morgan, é Detetive West. Se você precisar ligar, ligue para este número. Apenas este número. Verifique se há nomes, contatos e fotos no telefone que você possui. Precisamos de quaisquer detalhes que possam nos informar sobre a pessoa responsável pelo seu desaparecimento. Em seguida, preserve o restante da bateria. Estamos vindo para você.*

Eu deveria estar mais animada. Borboletas deveriam estar

dançando na minha barriga e a felicidade deveria estar explodindo em meu peito com o simples pensamento de que uma equipe de busca está chegando. No entanto, borboletas não dançam, nem a felicidade explode. Em vez disso, a miséria, a desesperança e a rendição causam uma dor surda que rasga meu coração e flui através do meu sangue.

Eles nunca me encontrarão aqui.

Há muito terreno para pesquisar.

Não há estrada, pessoa ou ajuda em lugar algum. Eu provavelmente estou em uma grande reserva escondida longe, longe da civilização.

Eu tento responder.

Passei o dedo sobre as teclas, mas não consigo juntar as letras para formar palavras.

Eu não vou sair daqui. Eu nunca vou para casa. Eu vou morrer aqui – é tudo que posso pensar. A batalha mental que eu tenho vivenciado pelo que parece ser horas não parece que vai acabar em breve.

Morgan, você precisa se concentrar. Você precisa enviar algo de volta ... qualquer coisa.

Tento me concentrar nas letras para criar uma única palavra simples, “sim,” em resposta. Eu não posso.

Eu sinto como se estivesse andando até o pescoço em um rio lamacento, minhas roupas molhadas me arrastando para baixo. É uma sensação pesada, e enquanto tento lutar contra isso, sinto beliscões afiados em toda a minha carne. Dói como o inferno, e quando me contorço e estremeço, me tira o fôlego. *Estou cansada*.

Os violinos tocam à distância, arranhando, aumentando de velocidade. Eles estão fora de sincronia e eu fecho meus olhos. O som é tão nauseante.

Minha cabeça está frouxa. As costas das minhas mãos se chocam contra a terra, e quando consigo abrir os olhos, e as cordas estridentes não estão mais fazendo barulho, vejo o telefone no chão alguns centímetros à minha frente.

O tremor que eu tenho experimentado se torna uma lembrança distante. Eu nem sou capaz de segurar minha cabeça nos meus ombros ou deslizar os dedos pela sujeira. Eu gemo, — Nãooooo. — Denso negro

preenchem minha visão. A escuridão vem para mim, e tudo que posso fazer é chorar até que eu não possa me ouvir chorando.

Minha cabeça está amortecida, meu corpo relaxado, e quando estico meus braços acima do crânio e enrolo meus dedos dos pés, bocejo. Preciso dormir mais do que tudo, mas, de novo, sempre me sinto assim ultimamente.

Eu não consigo pensar direito. Estou esgotada e exausta, e é tudo por causa do homem de pé dentro da tela em que agora estou focada. O que estava pendurado na parede do nosso quarto.

Eu o amo, eu não duvido disso, mas ainda estou apaixonada por Reid? Foram semanas de brigas e desentendimentos. Tudo o que faço está errado e tudo o que ele faz é errado. Nós nos chocamos, nossos temperamentos colidindo da maneira mais épica, e então eu sinto uma tristeza terrível me invadir, então eu me afasto. Eu fujo dele. Eu evito ele.

As coisas vão melhorar. Nós vamos passar por isso. Todo mundo passa por momentos difíceis em seus casamentos; é o que eu continuo dizendo a mim mesma.

Até recentemente, não tivemos nenhum problema que valesse a

pena nos preocupar. Nós éramos sólidos. Nós tivemos um amor tão profundo. Nós éramos almas gêmeas.

Eu sigo a dobra passada perfeita na calça do paletó dele até os sapatos brilhantes que ele usa nesta fotografia, a que foi tirada no dia do nosso casamento. Estamos lutando, não há dúvidas sobre isso. Nós dois queremos usar as calças na casa – ter o poder – ser dominante. Não está funcionando para nós. Nós não estamos trabalhando. Nós não podemos ter nossos erros e admitir nossas falhas.

Estamos realmente tão quebrados quanto eu penso?

Eu rolo na cama para encontrar Reid, não está lá. Não me surpreende que não haja conforto em seu abraço. Estou tão cansada da besteira que é a minha vida agora.

Eu não tomo banho, não há tempo, mas eu me recomponho e escolho uma blusa rosa pálida para acompanhar uma saia preta apertada.

Eu estou brava quando me aventuro lá embaixo e encontro Reid na cozinha, e fico furiosa quando beijo as crianças e saio pela porta.

Eu não olho para trás quando saio de casa, mas tenho a sensação

de que deveria ao subir no meu SUV.

Virar a chave na ignição tem meu estômago amarrado em nós. Eu me sinto perdida... algo está muito fora do lugar. Minha vida inteira está de cabeça para baixo e confusa.

A porta da garagem se levanta e eu desço a entrada.

Uma máscara preta. Uma camiseta preta de manga comprida ... preenche meu espelho retrovisor. Eu pisei no freio. Estou bufando. Estou tremendo.

— Acorde, sua puta idiota. Você não pode mudar o passado. — Seus perfeitos olhos azuis brilham antes de ele jogar a cabeça para trás e rir. — Você está pronta para jogar meu jogo, Red?

Meus olhos se abrem. Estou entre dois troncos grossos de árvores marrons. Há um celular em minhas mãos, e estou segurando na minha frente como se fosse uma arma. Eu ofego entre longos soluços.

— Afaste-se de mim, — eu grito. — Cai fora.

CAPÍTULO SEIS

Reid

West não vem para a mecha de cabelo, o Prospect faz. E quando eu pergunto a ele continuamente se eles encontraram Morgan, se ela ligou de novo, se há algo que ele possa me dizer, ele apenas estreita os olhos e incendeia suas narinas como um touro prestes a carregar seus chifres pelo meu torso.

Prospect teve isso para mim desde o começo, mas por quê?

Ele segura um saco de provas claras e, quando Maloney deixa cair o cabelo, Prospect o vira rapidamente e se afasta.

— Você não viu Morgan, Reid, — Prospect grita de costas para mim.

— Foda-se, — eu rosno. *Idiota*.

Eu não tenho certeza se eu vi Morgan ou não, mas alguém estava à espreita na nossa rua, e esse alguém era uma mulher. Você não pode confundir a silhueta de uma mulher.

— O que está na sua bunda, realmente? — Cruzo meus braços na frente do meu peito.

— Eric é um sujeito sério, mas é bom em seu trabalho. Ele vai querer voltar para a estação; não se preocupe com ele. Ele é legal. — Maloney diz isso, mas ainda observa seu pessoal da mesma maneira que eu. Eu posso dizer pelo conhecimento que se segue e pela maneira como seus olhos permanecem focados. Sempre pesquisando e analisando ... Ele suspeita de todos, assim como eu.

— Ele não ligou para o telefone fixo, — eu deixo escapar.

— Quem?

— O idiota que tem Morgan. Não houve mais chamadas. Por quê?

— Não sei. — Maloney aperta o queixo.

Talvez ninguém mais tenha percebido que não tivemos mais chamadas insultuosas, ou talvez eles tenham, mas esperavam que eu não o fizesse.

— Vamos sentar do lado de fora por um instante. Você quer fumar? — Maloney muda de um pé para outro. Eu aceno.

Maloney se encosta no corrimão enquanto eu me sento no balanço do pátio. Ele enfia a mão no bolso, pegando o maço de cigarros e o isqueiro. Desta vez, ele remove dois cigarros antes de colocar o pacote de volta de onde ele o removeu. — Você se importa se eu me juntar a você?

— Nem um pouco. — Eu ofereço um sorriso indiferente.

O doce, doce sabor da nicotina entra nos meus pulmões com mais facilidade do que antes. Eu não tusso nem resmungo. Em vez disso, eu gosto da explosão de produtos químicos explodindo no meu cérebro.

Maloney olha para mim. Ele está em um devaneio. Eu posso dizer pela maneira como a cabeça dele inclina para o lado e o olhar vazio que ele mostra.

Há um período de silêncio.

— Minha filha, Mila. — Ele para de falar, respira fundo e suspira.

— Sim, — eu encorajo-o a continuar.

— Quando ela tinha dois anos, ficou doente. — Maloney olha nos meus olhos. — Ela estava brincando do lado de fora sob a mangueira por cerca de trinta minutos pela manhã, e sua mãe tinha colocado

apenas alguns centímetros de água em uma dessas piscinas de conchas. Você conhece?

— Sim. — Eu aceno.

— Ela era toda risadinhas e gritos. Eu sairia do turno da noite. Eu estava tão fodido. Uma noite longa, muitos motoristas bêbados para levar, e muita papelada.

Eu relaxo de volta ao balanço.

— Eu assisti Mila enquanto ela brincava. Eu assisti como minha esposa criou outra memória para ela. Às vezes, apenas admirá-las é o suficiente para lavar todas as coisas ruins que vejo no meu trabalho. — Maloney cruza um dos pés na frente do outro. — Eu limpei Mila. A levei para dentro da casa e coloquei uma nova fralda e camiseta nela. Nós nos sentamos juntos na mesa comendo melancia. Ainda me lembro dos riachos de suco cor-de-rosa correndo pela frente do seu top branco. Eu nem sempre fui o mais esperto quando se trata de crianças e roupas bagunçadas. — Ele reprime uma risada.

— Eles fazem uma bagunça, — eu digo, antes de tomar uma longa tragada do bastão de câncer cutucando entre os meus dedos.

— Claro que sim. — Maloney chupou com força a fumaça, antes de passar a cinza pelo corrimão. — Fui me deitar depois disso, e estava tão profundamente adormecido que quando minha esposa gritou por socorro, não a ouvi no começo. Foi a batida no meu peito e ela gritando no meu rosto que me acordou.

— Merda. — Eu me encolho. Para onde isso vai?

— Mila estava mole em seus braços. Ela estava em chamas ao toque, e todo o seu corpo estava coberto por essa erupção desagradável. Eu não poderia explicar se eu tentasse. Manchado, vermelho e feroz.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Realmente parecia que alguém a havia espancado. — Maloney pega outro cigarro e devagar exala. — Eu não sabia o que tinha acontecido, mas peguei seu corpo minúsculo e mole e segurei o inferno que ela estava contra o meu peito.

Eu tomo um bocado de ar quente antes de eu passar a minha bunda sobre o corrimão por Maloney.

— Você deveria colocar isso antes de você apertar. É estação de

fogo, você sabe. — Maloney sorri.

— O que aconteceu?

— Nós pegamos uma carona na ambulância, sirenes soando, para o hospital. Eles levaram Mila para longe de nós assim que a colocaram na maca e passaram pelas portas de emergência. Eu apenas fiquei segurando minha esposa enquanto ela tremia contra o meu peito. Eu queria tirar toda a sua preocupação e medo dela, você sabe, mas eu não podia, porque eu estava experimentando o mesmo medo que ela. Grande policial forte eu fui, hein?

— Poça de bagunça no chão em vez disso?

— Sim. — Maloney enrola a bituca entre os dedos até saltar para o chão. Ele muda o pé até cobrir a ponta queimada com a sola do sapato. — Da próxima vez que vimos Mila, ela estava na UTI. Tubos e merda estavam saindo de cada parte de seu corpo. Uma grande máquina estava fazendo toda a sua respiração porque ela não podia. Seus órgãos pararam, um por um, disseram-nos. Eles nos prepararam para o pior.

— Ela não viria ... — Minha voz se quebra. Eu limpo minha garganta.

— Casa? Não. Disseram que não sabiam o que estava acontecendo ou por que isso estava acontecendo com ela. Eles pensaram que era provável que fosse uma leucemia que não tivesse sido diagnosticada ou algumas bactérias terríveis que haviam invadido seu corpo. Eu estava em choque.

— Eu não conseguiria nem imaginar.

— Cinco dias eu sentei na cama do meu bebê. Eu não pude deixá-la. Eu a criei com o amor da minha vida. Ela era minha única filha. Mila melhorou ligeiramente durante algumas horas, mas permaneceu crítica.

— Merda, — eu respiro.

— Aprendemos que ela tinha um parasita em seu corpo; é essa coisa mortal que vive na água da torneira. Essa merda tinha ido para o cérebro dela. Eu me preocupei que ela nunca crescesse para ser tudo que queríamos para ela. Eu ficava me perguntando, e se ela nunca mais pudesse dizer papai de novo? Isso partiu meu coração.

Meu intestino se agita antes de afundar.

— E então, no sexto dia, pedimos que o padre fosse à UTI e lesse

seus últimos ritos. Estávamos preparados para o pior, mas nunca nos deixamos realmente acreditar que Mila nos deixaria. — Maloney faz uma pausa. — Então, cerca de uma hora depois, Mila magicamente começou a respirar sozinha. — Maloney inclina o queixo e olha para o céu. — Naquela noite, ela abriu os olhos e estava tentando arrancar o tubo de respiração. Foi um verdadeiro milagre, Reid. Mila provou que eles acontecem.

Maloney sorri. — E você nunca acreditaria que a primeira palavra que saiu de sua boca foi Papai. — Lágrimas silenciosas escorrem pelo seu rosto. — Eu nunca desisti dela. Eu sabia que ela tinha o meu sangue lutador dentro dela e o espírito positivo de sua mãe. Minha garotinha voltou para nós. Ela era minha filhinha perfeita depois de alguns meses de reabilitação.

— Por que você está compartilhando isso comigo? — Eu limpo minha testa – está pingando de suor.

— Porque eu posso simpatizar com todas as emoções dentro de você. Porque estamos nos tornando amigos rapidamente.

— É por isso que você é a único a ficar de babá? Porque você entende melhor a minha situação?

Maloney ri. — Companheiro, eu não tenho que estar aqui. Você poderia ter nos expulsado no primeiro dia. Não podemos invadir sua casa.

Meus lábios se apertam. *Que porra é essa?*

— Mas eu quero estar aqui para você. Você fez tudo o que pôde para nos ajudar a encontrar Morgan. — Maloney faz uma pausa. — Eu sei que você se preocupa que possa haver alguém na força que saiba mais sobre como Morgan chegou aonde ela está – inferno, eu tive minhas próprias dúvidas – mas eu acho que você está latindo na árvore errada. Acho que o sequestrador é alguém que Morgan conhece bem ou alguém que a conhece bem.

— Eu pensei que seria o ex dela, sabe? Mas ele está morto.

— Seu irmão, no entanto, você acha que ele está envolvido?

— Winston ajudou-a naquela noite. Isso é o que vocês me disseram. Ele sabia onde ela estava. Você já encontrou Winston, ou Vactrim, ou qualquer-merda-que-ele-chame ainda?

— Não que eu saiba. Tudo o que sei é que ele penetra fundo no mato e passa dias na natureza sem ter como ser contatado. Morgan

disse que ela estava na mata, e eu estou apenas colocando dois e dois juntos. Os principais alarmes estão tocando para todos nós.

— Mas eles estão procurando por ele, sim?

— Claro que sim. Ele é nosso principal suspeito. Também estamos procurando pelo seu irmão.

— Não posso acreditar que Cruise iria ... — Eu não posso nem dizer isso.

— Acho que encontramos nosso homem em Winston, mas também precisamos localizar o Cruise para sabermos que ele está seguro. Isso é um comportamento normal para Cruise? Desaparecendo? Eu sei que ele é um ator de novela, alto perfil e toda essa merda, mas ele desaparece assim?

— Três vezes, — murmuro, sentando-me mais ereto.

— Mesmo?

— Sim. Quando o mundo fica demais para ele, Cruise continua o que o papai diz a todos que é um walkabout[12].

[12] **Walkabout** (*deambula* ou *anda* em inglês) é um ritual de iniciação dos aborígines australianos a que se submetem durante a adolescência e durante os quais vivem no deserto por até seis meses.

— Walkabout?

— Cruise encontra um lugar para se esconder, onde ninguém pode encontrá-lo, e bebe além do limite, fodidamente estúpido. A última vez, provavelmente dois anos atrás, ele acabou tendo seu estômago bombeado por causa do envenenamento por álcool. Mamãe e papai tentaram levá-lo a procurar ajuda profissional depois desse episódio, mas ele se recusou.

— Problema de abuso de substância? — Maloney ergue as sobrancelhas.

— Sim. Eu acho. Cruise tem uma mente que é tão criativa que, às vezes, leva a melhor sobre ele e ele não consegue encontrar um equilíbrio entre o que é real e o que não é.

— Entendo. Cruise já viu um psiquiatra sobre essa merda?

— Ha. É, não. Não Cruise. Ele não acredita em psiquiatras e seus poderes de cura. Ele acredita em acertar a garrafa até que ele abafa o ruído dentro de seu cérebro e encontra seu equilíbrio mais uma vez.

— É bom saber. — Maloney estica os braços acima da cabeça.

— Dolorido? Cansado?

— Sim. — Ele arqueia as sobrancelhas. — Você poderia dizer isso.

— Cruise estava jogando esse personagem no trabalho. Isso chegou a ele. É por isso que ele e mamãe, papai e Natalie foram para o exterior. A rede emitiu uma pausa nas filmagens porque Cruise estava saindo dos trilhos. Eu lembro de falar com ele sobre isso no telefone. Ele estava tão deprimido e de temperamento curto. Você me ouviu conversando com a mãe mais cedo.

— Sim. Eu fiz.

— Cruise sempre foi esse sujeito inofensivo. Ele nunca entra em brigas, ele se dá bem com todo mundo. — Eu sorrio. — Cruise é o adorável ursinho de pelúcia, com um rosto amável e uma atitude realista, sabe?

— Sim. Mas todos os homens entram em barcaças.

— Não Cruise, a menos que seja comigo. Ele pode ficar rude comigo, mas eu sou seu irmão mais novo, então tem sido uma coisa da vida toda. — Eu sorrio. — Eu sempre dei de volta o melhor que recebi.

— Esta Natalie. Sua esposa?

— Ela é a melhor coisa que já aconteceu com ele. No entanto,

duas das três vezes em que Cruise saiu andando foram devido a brigar com ela e trabalhar longas horas, horas demais no trabalho.

Maloney acena com a cabeça enquanto tira o maço de cigarros do bolso, pegando outros dois cigarros. — Outro?

— Certo.

O flash da chama vindo do isqueiro na frente do meu rosto me diz que eu preciso ter certeza de que isso irá parar quando a Morgan for encontrada. Estresse ou não; esses cigarros matam.

— Você acha que foi Morgan quem colocou aquela mecha de cabelo na entrada da caixa de correio? — Os olhos de Maloney se estreitam.

— Acho que era uma mulher, mas não tenho certeza se foi Morgan. Eu acho que queria que fosse realmente.

— Por que você não acha que é ela agora?

— Porque ela teria querido ver as crianças. Ela ama seus filhos.

— Você acha que poderia estar vendo coisas e ninguém estava lá?

— Estou tão cansado, é possível. — Eu paro. — Por que você não

vai para casa para sua família? Você mesmo disse, nem precisa estar aqui. Aposto que você não está sendo pago por isso.

Ele ri. — Estou sendo pago. Não, eu vou ver isso até o fim.

— Mila estaria sentindo sua falta.

— Sim, ela estaria, mas eu tenho um dever, e isso é servir e proteger acima de tudo. Minha filhinha vai entender, assim como minha esposa. — Maloney dá uma tragada no cigarro, soprando pequenos Os com a fumaça em seu exalar.

— Você pelo menos falou com eles?

— Eu tenho. Muitas vezes.

— Merda. Eu nem percebi.

— Na maioria das vezes nem notamos as coisas que estão bem debaixo dos nossos narizes. — E enquanto as palavras saem de seus lábios, me pergunto se o sequestrador de Morgan está exatamente onde podemos vê-lo, mas perto demais para ver.

CAPÍTULO ONZE

Morgan

Eu giro em círculos. Estou na mata sem ideia de como cheguei aqui. Eu tenho os pés descalços e estou despojada de um par de calcinhas boxer e uma camiseta.

Contusões, cortes, mordidas e esfolamentos marcam todo o meu corpo, e os números de um a cinco estão dentro do meu braço interno, com uma linha cruzada através do “um”.

Dois grandes cortes atravessam minhas canelas e meus pés são negros imundos.

Estou segurando um celular, um telefone que não é meu. Eu tropeço para frente, depois balanço para trás. *Como eu cheguei aqui?*

Enquanto manobro em círculo, a dor rasga meu cérebro e bate atrás das sobrancelhas, fazendo-me mergulhar a cabeça e segurá-la entre as palmas das minhas mãos. *Por que eu me machuquei tanto?*

Calor queima minha pele, a pele que eu posso dizer já se

queimou. Bolhas aparecem no topo das minhas pernas. Procuro uma sombra, e enquanto eu me embarco, eu vacilo como faria depois de muitos copos de vinho. *Eu tenho bebido?*

Eu pressiono minhas costas contra um tronco de palmeira suave que me protege com suas folhas. Eu olho para a tela do telefone que apertei no meu punho como se minha vida dependesse de mim. Está em branco. Deslizo meu dedo sobre ele e as luzes da tela. Eu abro os contatos. Não há nenhum para ser encontrado. Eu me movo para a galeria e não vejo nada além de um ícone de documento. Eu pressiono o download e olho em espera. Uma seta apontando para baixo viaja em um padrão repetitivo. Eu continuo esperando. A tela fica branca antes do documento ser aberto.

Cara Morgan,

Recebi sua carta e lamento que você se sinta assim. Eu sei que as coisas têm sido difíceis para mim, e eu gostaria de não ser um fardo para todas as pessoas que eu me preocupo profundamente, mas eu sou. Eu sei que você precisa de espaço para viver a vida que você fez para si mesma com Reid, e depois desta carta, você não vai mais ouvir falar de mim.

Há tanta dor enterrada dentro de mim ... é um inferno que eu não consigo escapar. Não importa quantas vezes eu diga a mim mesmo que é apenas um pesadelo, e se eu me esforçar o bastante, eu vou acordar, não. Morgan, eu nunca acordo, não importa o quanto eu implore.

Há muito que eu gostaria de poder destruir dentro da minha mente. Há um mal que se esconde dentro de mim e é um que eu me esforço para conter. Há tantas coisas que eu gostaria que fossem diferentes para mim, uma dessas coisas sendo você. Eu acho que você era a cola que estava segurando todos os meus pedaços quebrados juntos, mas com o tempo você não podia mais ficar comigo. Eu entendo por que, eu faço. Me desculpe, eu não poderia ser tudo que você merecia.

Você quer dizer bem, eu sei por que você continua escrevendo para mim por tanto tempo. No começo, foi um alívio depois que você se mudou. Eu senti sua falta intensamente. Eu ansiava por você como uma criança que perdeu seu primeiro filhote de cachorro. Isso provavelmente parece psicótico, certo? Mas desde o começo, quando te conheci, soube que você era alguém especial. Eu também sabia que você sempre seria fiel à sua palavra. Você ficou o maior tempo que pôde, e agradeço por isso.

Eu estava apaixonado por você, Morgan. Não foi luxúria ou amor de cachorro[13], como você disse. Foi um amor profundo, que tudo consome e que tira o coração, mas para você, não eram essas coisas. No final, você não poderia se apaixonar tanto quanto eu por você, e isso sempre foi minha culpa.

Eu tentei esconder minha escuridão. Mantive meu veneno protegido em um frasco hermético, mas não era à prova de balas, e pouco a pouco o pote levou um tiro de merda, e partes de mim, que eu não queria que você soubesse que existia, escapou. Manchava o que tínhamos. Nem você nem eu somos responsáveis.

Enquanto os dias continuam passando, percebi que o próprio tempo não pode curar minhas feridas porque minhas feridas crescem mais a cada minuto. Eu quero estar em paz. Quero encontrar meu fim e descobri como posso.

Eu preciso dizer adeus a você, Morgan.

Eu preciso deixar você ir.

Eu estou deixando você ir, minha rosa.

[13] **Puppy love** ou **amor de cachorro** (tradução livre): amor romântico que um jovem sente por outra pessoa, que geralmente desaparece quando o jovem se torna mais velho. Um amor imaturo.

Por favor, continue a florescer como a flor perfeita que você é. Lembre-se que doze rosas de caule longo nunca serão suficientes para uma beleza como você. Você sempre será mais um, mais um broto perfeitamente cortado, melhor do que todas as outras mulheres que andam por esta maldita terra. É a razão pela qual eu sempre te dei treze delas, em vez da dúzia tradicional.

Antes de deixar você ir, prometa-me que você sempre lembrará que em seus olhos o sol nasce, em seu sorriso ele define, e que sua graça e beleza estão tão abaixo de sua pele que significa que você foi enviada por um anjo. Eu prefiro voar com anjos do que ficar embrulhado no meu pesadelo.

Morgan, um soldado vai para a guerra e luta pela liberdade de seu país. Em vez disso vou entrar em guerra comigo mesmo e lutar apenas pela sua.

Eu estou te dando meu presente final, Morgan.

Sua liberdade.

Eu nunca te mereci, mas fui abençoado por ter você.

Durma bem, Red. Eu vou te amar além do meu túmulo.

Para sempre seu, Falcon x

— Falcon. — Lembro-me desta carta, mas não é uma carta manuscrita com tinta azul como eu sei que é. Esta é uma fotocópia, uma versão fotografada. Por que eu tenho apenas isso no meu celular?

De repente, é como uma estrela cadente explode em fogos de artifício vibrantes diante de mim. Rosas, azuis, roxos, verdes – preenchem minha visão. Enquanto essas cores se confundem, forma-se o arco-íris mais brilhante que eu já vi, flashes da minha vida passam por trás dos meus olhos fechados, um clipe após o outro. Ele se manifesta rapidamente, tão rapidamente que quando me vejo correndo, brigando – quando olho para olhos azuis que mudam para verde – quando ouço o apito sinistro que significa perigo – lembro-me. Eu lembro onde estou, como cheguei aqui e pelo que estou lutando tanto.

Eu choro com tanta força que meus ombros tremem.

Quatro corações batem por mim – meu próprio, meu marido, meu filho e minha filha. Eu preciso sobreviver, e agora eu tenho uma chance porque eu sei quem tem a mim – Falcon Sampson. O homem a quem eu não podia amar como gostaria que pudesse. Um homem que me

mostrou uma escuridão que eu nunca quis ver. Um homem que me assustou, mas não de uma maneira que me tinha temendo pela minha vida; ele me fez temer pela dele. Eu acho que eu estava errada; eu acho que minha vida estava sempre na linha.

Treze rosas de caule longo preenchiam as imagens atrás do espelho. A música que tocava na pequena caixa de som era uma que me lembrava de casa com Reid e as crianças, mas também era uma que eu compartilhei com Falcon pouco antes de essa carta chegar. Essa música falou de sua alma gentil, mas torturada.

Elas eram minhas dicas. Falcon tem me dito quem ele era o tempo todo.

Os olhos azuis, depois o verde, a mudança de voz – tudo era um disfarce. Falcon sempre foi um verdadeiro mestre do disfarce ao longo do ensino médio.

Eu soluço mais forte.

Se a timidez de Falcon não fosse tão esmagadora para ele, então o palco teria sido sua ostra, e ele teria encontrado as luzes brilhantes e a fama que o universo lhe devia. O lado negro de Falcon, porém, nunca teria permitido que ele seguisse uma vida assim.

Agora, ele quer a minha vida.

Limpo os olhos com a mão livre e os desloco para o telefone enquanto ele vibra.

Número Desconhecido: *Morgan. Deixe-me saber que você está bem*.

Eu não estou bem; eu não estou bem em tudo.

Eu li a mensagem anterior.

Número Desconhecido: *Morgan, é Detetive West. Se você precisar ligar, ligue para este número. Apenas este número. Verifique se há nomes, contatos e fotos no telefone que você possui. Precisamos de quaisquer detalhes que possam nos informar sobre a pessoa responsável pelo seu desaparecimento. Em seguida, preserve o restante da bateria. Estamos vindo para você.*

Eu bato meu dedo contra as teclas em resposta.

Eu: *É o Falcon Sampson. Ele me tem. Sua mãe é dona de uma propriedade depois do Corbet's Landing. Eu nunca estive lá, mas Falcon me disse que ela estava lá. Deve ser onde eu estou. Estou em algum lugar em acres e acres de mata nativa ao redor do Corbet's Landing.*

Meu dedo treme quando eu aperto e aperto.

Eu assisto, esperando a palavra “enviado” exibir. Está demorando para sempre. Eu olho para a barra de serviço. Não há nem uma, e a bateria lê apenas seis por cento.

Eu ando freneticamente. Ando em todas as direções, segurando o telefone bem alto, para um lado, depois para o outro ... Estou tentando obter serviço suficiente para passar a mensagem. Uma barra aparece. Eu paro no meu caminho.

A tela fica preta.

— *Foda-se,* — eu choro.

Não faço ideia se o Detetive West recebeu minha mensagem antes que o telefone fosse desligado, e eu não tenho outra maneira de obter ajuda.

Larguei o telefone e corri. Eu corro tão rápido que minhas pernas fracas seguram meu peso.

Bang!

Eu posso ouvir meu próprio grito de gelar o sangue enquanto eu me encolho no chão. Minha cabeça está deitada ao lado. Botas pretas infringem a minha visão.

— Quem sou eu, Red? — Sua voz é grossa, e eu sabia que reconheci desde o início.

— Falcon Sampson, o que você fez? — Eu choramingo.

Ele ri. É a risada mais psicótica que eu já ouvi, e mesmo que os cabelos fiquem atentos na parte de trás do meu pescoço e meu coração pula na minha boca, eu tento me levantar.

— Errado, errado, errado, errado. Errado, errado, errado, errado. — Ele canta isso com a mesma melodia que os sinos da igreja.

— Eu sei que é você. Eu vi a carta no seu telefone. — Eu sento na minha bunda, olhando para a máscara preta cobrindo seu rosto. — Não, eu vi sua carta em seu telefone. — uma espingarda balança do ombro dele.

Antes que eu tenha a chance de desviar o olhar, ele move a espingarda, apontando diretamente para o meu peito.

— Você está errada, Morgan.

Todo pensamento que eu tenho embaralham em um nó torcido. — Não. Não, eu não estou. — Eu balanço minha cabeça na mesma velocidade que minhas pernas tremem.

Ele dá dois passos em minha direção. Eu o vejo fazer isso, mas não ouço um som. — Fique de joelhos.

— Não, — eu grito. — Eu descobri. Eu sei que é você. Tire sua máscara.

Ele ri. Cuspe pousa na minha bochecha.

— Eu sei que é você.

— Fique de joelhos, ou eu vou fazer por você.

Lentamente, eu torço. Os estalos que meus joelhos fazem quando aplico pressão a eles causam dor que me faz sugar o ar através dos meus dentes cerrados.

— Coloque as mãos atrás da cabeça.

— Você não pode fazer isso comigo, Falcon.

O cano da arma estará contra a minha cabeça. Eu poderia ser morta ao estilo de execução. Meu estômago dá voltas e meu coração

dispara com tanta força que a dor atira em meu peito.

Ele se move tão rápido quanto um raio e antes que eu possa piscar, estou deitada de costas enquanto ele está na minha cintura. Sua mão enluvada paira acima da minha garganta.

— Este é o seu fim, sua cadela. — Seus dedos enrolam em volta do meu pescoço. Ele aperta.

Eu não posso respirar.

— Eu não quero mais jogar este jogo com você, Red. — Ele sorri.

Meus olhos estão saindo de suas órbitas, ameaçando sair da minha cabeça.

— Mostre-me. — Consigo cuspir com o último suspiro que tenho.

Ele remove uma mão, usando a outra para manter a pressão contra a minha traqueia, e enfia os dedos sob o fundo da máscara. Lentamente, ele começa a retirá-la.

Freneticamente, eu sugo ar nos meus pulmões. Eu gemo quando coloco minha mão na minha cabeça onde um galo enorme se projeta. Meus olhos se abrem e quando eu pulo para cima e deslizo para trás,

percebo que estou sozinha. Eu seguro meu pescoço e tusso repetidamente.

O que acabou de acontecer?

Há um tronco de árvore grosso na frente da minha linha de visão. *Eu colidi com uma árvore? Eu desmaiei de verdade?*

Eu acho que sim.

CAPÍTULO DOZE

O lobo

Eu vejo o círculo no meu laptop dar voltas e mais voltas. Pesquisando, identificando, localizando. Meus lábios se curvam para cima. Morgan pode ter me enganado em um momento de excesso de confiança, mas ela é apenas um verme esperando ser abatido por um abutre agora.

A necessidade de tirar a vida de Morgan com minhas próprias mãos diminuiu. Tudo que eu quero é que o ar pare de entrar em seus pulmões e que seu coração pare de bater. Eu não posso acreditar que estraguei tudo. Não posso acreditar que fui tão estúpido a ponto de deixar uma tesoura para ela encontrar. Eu bufei, pensando em quantas vezes joguei fora Morgan dando seu último suspiro em minha mente. Agora vou sentir falta daquele momento. Mas eu tenho um novo plano, e não posso esperar que ela queime.

— Cinzas às cinzas, pó ao pó, queime no inferno, Red, porque eu já tive o suficiente. — O círculo continua girando. Horas se passaram,

mas sei que está próximo. Vejo que a minha vingança está ao virar da esquina.

Ding.

O barulho vindo do alto-falante do computador é música para os meus ouvidos.

Eu assisto a tela, e lá está ela – um sólido ponto vermelho em um mapa a cerca de três quilômetros da estrada principal na parte de trás da minha propriedade. Ela fez algum chão. Estou surpreso.

Sei que esses pontos de localização podem mudar rapidamente, e o alvo pode sair de alcance antes que qualquer terreno seja feito, mas com o tempo prestes a virar em poucas horas, não gasto tempo carregando pela porta dos fundos e pegando a lata cheia de combustível.

O calor do sol do meio-dia faz minhas roupas negras se aquecerem; eu não me importo, no entanto. Eu gosto muito da umidade que o verão traz, e o fato de que uma tempestade está no horizonte e se aproximará rapidamente. Os pássaros gorjeiam alto no vibrante céu azul, e enquanto eu carrego o latão no quadriciclo e o amarro, o suor pingando das sobrancelhas sobre os olhos, eu me

consolo com o fato de que as pesadas chuvas previstas irão extinguir o inferno ardente que estou prestes a criar. Se a tempestade passar por nós, não terei escolha a não ser fugir e nunca mais voltar. Bem, até que seja seguro fazer isso.

As chamas estão prestes a subir – chamas vermelhas infernais. Morgan deveria apreciar este gesto, já que se assemelha ao lugar exato em que ela estará indo quando estiver morta. Inferno, ela vai ser o problema de Lúcifer depois de tudo isso. Eu sei que ele fará um trabalho muito mais profundo de quebrá-la do que eu. O pensamento me traz conforto quando eu ligo a chave e o quadriciclo ruge para a vida.

Eu vou na direção de Red, minha jogadora prestes a ser morta, e como eu faço, uivo o som do lobo. O som da minha vitória iminente.

Eu ziguezagueio entre árvores e montes de lúpulo na minha pressa para chegar a Morgan, e mesmo que eu não seja capaz de ficar por perto para o grand finale devido à rápida velocidade do incêndio prestes a acontecer, eu sei que quando eu voltar, seus restos carbonizados estarão esperando. Valerá a pena cada minuto do jogo que jogamos juntos. Mesmo que desta vez o jogo não tenha sido tão planejado, as memórias ainda vão causar eletricidade para queimar

meu peito e me trazer a sensação de alegria que eu procuro.

Eu ainda não queimei uma Red, então a experiência me deixa curioso.

Eu paro minha moto bem onde o GPS disse que ela estaria. Meu coração pula. Não estou surpreso por ela não estar aqui – é um dado que essas coisas estão ao menos em um pequeno raio em qualquer direção, e que ela teve tempo de se mudar.

Solto o latão da parte de trás e o coloco no colo, posicionando-me para que, quando eu andar, o combustível seja derramado.

A atmosfera é movida a energia. O cheiro da gasolina tem adrenalina nos meus músculos. Eu sinto cada um se contorcer sob minha roupa quando eu torço o acelerador e ouço o rugido do motor. Eu dirijo. Sinto cada glug[14] de gasolina sair da lata no meu colo. A visão dele respingando no chão abaixo me faz dirigir mais rápido. Estou circulando uma volta deliberadamente. — Aqui, ratinho, ratinho, — eu rio.

O ar viciado misturado à gasolina mantém um sorriso estampado no meu rosto e, quando puxo para a esquerda, penso na Red Número

[14] **Glug** é o som do líquido fluindo em jorros.

Três e no momento em que lhe tirei a vida. Ela lutou tanto, mas nunca conseguiu sair do meu cemitério subterrâneo, não como Morgan.

— Por favor, por favor. Não. Não. — Donna está de joelhos, com as mãos em oração, implorando por sua vida.

Eu não me importo de ouvir, então eu tiro minha bota do chão e coloco no ar.

— Por favor. Por favor, deixe-me ir.

— Quem sou eu? — Eu digo.

— Eu não sei. Eu não sei quem você é.

— Resposta errada.

Crunch.

O som de seu queixo se partindo do impacto do meu pé balançando me tem estalando meu pescoço, seguido pelos meus dedos.

Sangue sai de sua boca, e quando ela grita um grito estridente do fundo peito, eu me posiciono em cima dela, aplicando cada peso que tenho em seu estômago.

Seus olhos se arregalam antes que o queixo aponte para cima e ela se esforça para tirar o ar.

— Luzes apagadas, Red. — Eu sorrio enquanto aperto minhas mãos em volta do pescoço e olho em seus olhos chocados.

Poças de sangue no branco de seus olhos, e não posso deixar de pensar em como ela fica linda ao redor de suas íris azuis. — Você tentou me roubar. Não revelou que era uma prostituta e fodeu ao redor do meu negócio. Você me enganou e vai pagar.

Ela tenta falar. Ela não pode.

— Economize sua energia, Red. Eu quero que isso dure o maior tempo possível.

Seus lábios mudam para a mesma cor dos olhos dela, e neste momento, Donna é a mulher mais linda que eu já vi. Tanta destruição cobre sua pele.

Toda a cor escoa de seu rosto pálido antes que o sangue corra para substituí-lo por vermelho. Seus dedos estão arranhando minhas luvas. Ela está tentando desesperadamente me arrancar dela, mas ela não pode porque é fraca.

Eu rio. Eu rio tanto, cuspo em seu rosto.

Ela gorgoleja. Eu me concentro e vejo como todo o medo deixa sua expressão, e uma aceitação pacífica toma seu lugar.

— Você não pode mais machucar ninguém. Eu vou assistir você apodrecer. — Um gorgolejo final acontece, e então suas mãos caem.

Ela se foi.

Por uma fração de segundo perco o controle do quadriciclo. — Mantenha o foco, — murmuro.

Eu chego de volta aonde comecei, e quando eu tiro minhas luvas e seguro os fósforos na minha mão, começo a assobiar.

Há algo de mágico no modo como a terra pode iluminar-se com a batida de um único fósforo e, à medida que as folhas mortas queimam rapidamente, afasto-me. Cada torção da minha cabeça sobre o meu ombro me mostra as chamas subindo, e isso me agrada. *Queime, baby, queime.*

Se ao menos eu pudesse ficar por perto para vê-lo engolir Morgan

no brilho da glória, eu sei que vai ser.

CAPÍTULO TREZE

Morgan

Eu ando pelo que parecem horas; é mais provável que tenham sido apenas alguns minutos porque a passagem do tempo me ilude.

Eu pulo, pânico, paro de repente, me encolho, caio, grito, corro e desmaio, e eu ofego demais quando não consigo mais mover um músculo, e estou deitado no chão.

Uma escuridão aterrorizante me leva embora, roubando minha respiração e fechando meus olhos. Eu não posso escapar, então eu nem tento. Em vez disso, espero pela luz e, quando chega, sou instantaneamente consolada. Eu sou atraída por isso; hospedada por seu brilho. Seu calor me envolve com segurança como um cobertor tricotado à mão. Eu nunca quero deixar a luz ou as memórias que tocam enquanto eu estou nela, então eu seguro cada momento.

E então se foi. O cobertor é arrancado de mim, assim como a luz. Uma força, muito mais forte do que qualquer outra que eu já experimentei, puxa meus membros em direções diferentes. Eu não

posso ver essa força, nem tocar nela. Apenas existe.

As paredes caem, e então eu corro descalça pela mata nativa. Meu coração bate em meus ouvidos e choro, mas não ouso parar de correr. Minha vida está em perigo porque estou sendo caçada como uma presa, e tudo que me resta é essa chance de escapar. Eu sei quem está me perseguindo agora. Eu sei que é o Falcon. Precisou que eu desmaiasse para que eu colocasse todas as peças juntas, e um sonho para me lembrar o que uma vez foi.

Eu passo por uma árvore, depois outra, mas meus membros ficam fracos rapidamente, então eu sou deixada para andar mais uma vez. O tempo se move assim em um loop, e eu não sei o quanto foi apagado. Eu queria ainda ter o celular. Eu queria que não fosse um pedaço de lixo agora sujando o mato como eu sou. Por que a bateria não durou mais? Por quê? Eu poderia dizer ao detetive onde eu acredito que estou agora e quem tem a mim. *Falcon Sampson*. Eu olho para o céu azul sólido acima e tento fazer um julgamento sobre o que vejo, apenas nada mudou antes. *Então, isso significa que o tempo não mudou?* Eu ando devagar, meus ombros curvados, minha cabeça inclinada, e em pouco tempo eu desmorono, batendo no chão com um baque todo-poderoso que tira o vento dos meus pulmões. Eu recupero meu fôlego,

então choro. Eu sufoco o barulho que eu faço com as minhas mãos, dizendo a mim mesma para ficar quieta porque ele se move como o vento, e eu não consigo ouvir seus passos ... Ele pode estar bem atrás de mim.

Uma brisa feroz se agita descontroladamente e instantaneamente esfria minha pele. Eu rolo de costas e vejo nuvens de tempestade negras consideráveis invadirem o impressionante céu azul, vindo da minha direita.

Vai chover. Eu vou ser aliviada da minha sede, e a umidade que está drenando o vaso que abriga a minha alma.

Excitação enche minhas veias assim como a eletricidade pisca acima de mim no céu.

Mas então o ar cheira e tem gosto de calor. É seco e afiado com o sabor acre distinto que vem com o cheiro de madeira queimando. As nuvens de tempestade escuras brilham em um laranja brilhante enquanto a neve negra flutua como uma chuva no meu rosto.

— Não, não, não, — eu choro. *Isso é cinza. O mato está pegando fogo.*

BANG.

O som, embora distante, vibra através do meu peito, e eu lanço meus pés, chicoteando minha cabeça para a esquerda, depois para a direita. Eu estou procurando a direção do crepitar e estalar que se entrelaça com os estrondos do trovão. Cada som cria uma sinfonia musical para preencher o mato em que estou presa, e me faz correr de novo.

Eu preciso disso para chover agora.

— Chuva! Oh, meu Deus, chuva! — Eu grito.

Um cobertor de seda laranja e vermelho pega o canto do meu olho. Está correndo em minha direção pelo lado esquerdo. É uma fera de chamas magnífica, mas aterrorizante, que temo me envolver antes que eu tenha a chance de encontrar segurança.

O fogo nunca é um mestre gentil, e não é algo que qualquer humano ou animal possa superar, mas eu não paro de tentar, já que a tempestade vai liberar sua fúria antes que essas chamas me engulam.

— Chuva! — Eu grito novamente.

A frieza que eu senti apenas alguns momentos atrás é substituída

por um calor tão intenso que parece que minha pele está derretendo da minha carne. Uma nuvem cinzenta de cinzas se espalha por cima de mim. Eu pisco excessivamente para aliviar a queima instantânea dos meus olhos, mas é inútil porque agora mal consigo ver. Uma frente grossa de fumaça flutua e me prende.

Cada respiração que tomo queima minhas vias aéreas, e enquanto engasgo e tusso, eu entro em pânico.

O que eu faço? Eu não sei o que fazer.

Eu jogo meus braços no ar e caio de joelhos. A agonia que me rasga não é nada comparada à minha incapacidade de respirar devido à dor sufocante que envolve meus pulmões.

Puta merda. Eu vou queimar até a morte.

Eu tusso. Eu cuspo. Eu envolvo meu braço sobre a minha boca e nariz para proteção.

— Ajude-me. — Não há som.

Boosh, boosh, boosh, boosh, boosh.

Eu caio enquanto o som soa como tiros atrás de mim. Eu encontro

meus pés e passo sem rumo avanço para frente. Um enorme rugido de trovão sacode o céu, fazendo-me sacudir…

E então eu sinto isso. Líquido desliza pelos meus braços.

Um pé na frente do outro. Não tenho ideia de para onde estou indo, mas continuo seguindo passo a passo. A batida forte da chuva pesada pica minha pele. Eu conheço esse sentimento em qualquer lugar, e embora eu não consiga ver as gotículas, eu posso senti-las.

Esta é minha única chance de sobreviver.

Eu não olho para trás. Eu não ouso dar a minha mente a chance de espiar o quão perto as chamas deste fogo lambem meus calcanhares. Eu apenas continuo me movendo.

Quatro corações são tudo o que importa na minha vida. Três desses corações esperam que eu volte para casa, o outro vibra intensamente, tentando não parar. Eu não posso desistir agora. Não tenho escolha senão superar esse fogo. Eu preciso fugir do lobo.

CAPÍTULO QUATORZE

Reid

É fim de tarde e o trovão racham como baldes de chuva do céu. Tem estado mijando para baixo por horas[15]. Eu estou inquieto. Eu ando de um lado para o outro, e tenho certeza de que, se continuar assim, vou queimar uma trilha permanente no meu caminho. Meu estômago se agita e meu coração bate violentamente. Nada pode me trazer calma. Nada pode tirar esse medo esmagador bombeando através do meu sangue. Cruise ainda não foi encontrado em lugar nenhum e, a cada minuto que passa, penso cada vez mais que ele, meu irmão, é responsável pelo desaparecimento da minha esposa. Ele recebeu todas as ferramentas para realizar isso. Sua porra de papel como Frank Turvay, uma vez amigável rosto na Baía, agora virou serial killer, buscando vingança contra aqueles que o amavam. Eu não posso me livrar da sensação de que é isso que está bem debaixo do meu nariz o

[15] Quer dizer que tem chovido por horas. Mas como foi uma expressão dele, decidi deixar o "original" traduzido, apesar da estranheza das palavras.

tempo todo. O Cruise quebrou? E se sim, por que Morgan? Cruise tinha tesão por ela, ele se certificou de que eu soubesse no momento em que ele a conheceu, mas ele nunca agiu sobre isso. Ou ele fez?

West, Gleaton e Dyson não fizeram nenhum comentário sobre a condição de Morgan, segurança, ou se eles a localizaram ainda. Por que eles não ligaram? O que eles estão escondendo de mim? Onde eles estão?

O estresse do dia está me matando. Morgan. Onde ela está? Ela está voltando? Por que ninguém está chamando? Já faz muito tempo. O pânico se agita através de mim. Eu preciso que isso termine agora. Morgan precisa estar em meus braços, não em algum mato, não lutando por sua vida. Eu não posso ajudá-la. Eu sou inútil, patético e torturado.

Eu posso sentir Morgan se afastando de mim. Ela está desaparecendo, assim como o dia estará em breve. Outra noite sem Morgan me aguarda. Não temos mais tempo.

— O que está acontecendo? — Eu grito no momento em que Maloney caminha na direção da cozinha bem na minha vista. — O que você sabe?

Maloney sacode a cabeça. Seus lábios estão pressionados juntos. Seu peito sobe e desce lentamente.

Ele está calmo. Por que ele está tão calmo?

— Vamos lá, filho. — Meu pai coloca a mão no meu ombro, e quando eu o afasto, olho para Maloney com meus olhos flamejando. Eu estou tão fodidamente maluco que eu sei que se Maloney não disser algo, qualquer coisa, eu vou perfurar seu corpo grosso através da parede, arma ou não.

— Esse pau sabe alguma coisa, pai. — Eu olho para Maloney. — Vá em frente, negue que você sabe. Minta para mim. Minta no meu rosto.

Meus pés batem no chão enquanto eu marcho até ficar de nariz a nariz com Maloney. Eu quero que ele olhe nos meus olhos e me diga que ele não tem nova informações para que eu possa derrubar suas malditas luzes.

— Reid, eles têm um local, mas é amplo. Eles terão que pesquisar tudo.

— Está chovendo. Como eles podem ajudá-la?

— Pode não estar chovendo onde ela está.

Meus olhos se arregalam. Eu paro de respirar. Minha cabeça gira. Vou desmaiar. Eu tropeço para trás. A sala gira ao meu redor e quando levanto os braços para agarrar a sombra borrada de Maloney na minha frente, eu caio.

— Eu tenho você, — diz papai, e eu posso ouvir seus soluços. Ele está chorando? Meu pai nunca chora. Nunca.

Sua respiração quente corre contra o meu pescoço. Seus braços estrangulam meu peito. — Eu nunca vou deixar você cair, Reid. Não no meu turno. Eles sabem onde está Morgan. Reid, eles estão trazendo-a para casa.

— Morgan, — eu sussurro. É quase inaudível.

Eu me sento no chão com a cabeça enfiada entre as minhas pernas. Eu estou tentando sugar o ar para os meus pulmões em pequenas respirações rápidas, mas nada parece estar preenchendo-os. Começo a hiperventilar.

— Sssh. Sssh. Sssh. Venha agora. Venha, apenas respire, amor. Apenas respire. Mamãe está aqui. — Mamãe abraça minha cabeça.

Eu ouço uivos torturados. Eles rugem e rugem ao meu redor. Eu quero olhar para onde o som está vindo, mas eu não posso, eu não posso me mexer. Estou uivando. Eu perdi todo o controle. Minha mente finalmente quebrou. Eu perdi meu juízo.

Minhas pernas tremem quando mamãe me ajuda a ficar de pé. A sala gira ao meu redor até a parte de trás da cabeça do papai aparecer. Eu não posso mais fazer isso. Onde está minha esposa?

O som da porta batendo na parede me faz estender minhas mãos. Braços grossos empurram papai e John que estão na minha frente. — Saia do meu caminho, — ele ruge. — Reid, Reid.

Eu conheceria sua voz em qualquer lugar. É a voz do homem que compartilha o mesmo sangue que eu, cujo trabalho é proteger-me, mostrar-me o caminho da vida, ser minha luz orientadora. Meu irmão de duas caras roubador de esposa.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito. — Uma camisa azul-clara encharcada com um bolso meio rasgado toma minha visão. A cor carmesim marca o colarinho. O nariz de Cruise está inchado e machucado, e seu olho esquerdo enegrecido. Há um corte na bochecha dele. — Irmão, eu acabei de descobrir.

Eu pego impulso e me lanço em Cruise. Eu enrolo meus braços em volta do seu pescoço e coloco minhas pernas ao redor de sua cintura para trazê-lo para o chão. Vou bagunçar seu rosto mais do que já está.

Nós atingimos o chão no momento em que os pés molhados de Cruise escorregam debaixo dele. Eu caio em cima de seu peito, mas ele me vira debaixo dele antes que eu tenha tempo para piscar. Encontro uma força que eu nunca tive, me leva a grunhidos e gemidos que me veem de volta em cima de Cruise e debruçado sobre seu rosto, escarranchando sua cintura.

Cruise desiste de lutar. Cruise nunca desiste.

— Saia de mim. — Ele fala com dor. — O que você está fazendo?

— Onde está minha Morgan? Onde você a colocou? — Eu estrangulo seu colarinho. Meus dedos ficam um pouco brancos. — Diga-me onde ela está!

— Para com isso. — A voz de Maloney explode. —Saia de cima dele.

— Não! Não até que ele me diga onde está Morgan. — Deslizo minhas mãos em volta de seu pescoço e pressiono para baixo,

aplicando pressão que cortará suas vias aéreas.

— Reid. PARE! — Mamãe grita.

— Ele não fez isso, Reid. Ele não é responsável, — papai grita no meu ouvido. Meu ouvido estala e uma dor surda me faz apertar meus olhos.

— Saia do seu maldito irmão. — Papai aplica pressão nas minhas costas enquanto seus dedos tentam arrancar os meus de Cruise.

— Não! Saia, pai. — Eu tento me afastar dele, mas ele é muito mais forte.

Estou sendo arrastado pelo meu colarinho, meu aperto é arrancado e eu luto. Eu luto como se minha vida dependesse disso. Cada batida dos meus calcanhares no chão, cada batida do meu tronco, significa que posso voltar a estrangular a porra da vida do meu irmão.

Eu estou derrotado no momento em que sinto meus braços puxados pelas minhas costas.

Click, click. Click, click.

Eu ouço as algemas presas antes mesmo de sentir a pressão

contra os meus antebraços.

— Não me faça prendê-lo por agressão. — Maloney se eleva sobre mim enquanto eu sento bufando.

Uma gota de suor escorre de sua sobrancelha e cai na minha bochecha. Eu bato minha cabeça. — Porco.

— Você quer jogar dessa maneira? Você acha que é uma decisão sábia?

— Acho que você tem essas algemas no homem errado. Isso é o que eu acho.

Maloney pega seu rádio do coldre. — Despacho, RK-242.

— Sim, RK-242, vá em frente.

— Policial Maloney aqui. Nós localizamos Cruise Banks. Eu preciso de uma unidade para a casa de Reid Banks, onde nosso suspeito está atualmente. É sobre o caso da pessoa desaparecida Morgan Banks.

— A unidade solicitada está a caminho.

Cruise fica em frente a mim. Suas mãos estão pressionadas contra seu pescoço, seu corpo caiu sobre si mesmo. Suas juntas estão roçadas.

Eles estão fodidamente machucado.

— O que você fez? — Eu grito, olhando em sua direção.

— Nada, seu fodido idiota. Eu não fiz nada. — Ele se ergue.

— Reid, cale sua maldita boca. Você não está ajudando ninguém. — Papai me lança um olhar mortal.

— Sempre do lado dele. Você sempre esteve do lado dele. Por quê? Porque ele é um ator maldito? Eu sou o desapontamento, não sou, pai? Vá em frente, admita.

Papai coloca a cabeça nas palmas das mãos. Ele ruge. Eu me sento direito.

— Vocês, garotos, me deixam orgulhoso. Vocês são meu legado. Estou orgulhoso de vocês dois. — Papai deixa cair as mãos e aponta o dedo para mim. — Não!

Eu bufei alto.

Assim que os olhos de papai se desconectam, ele está agachado em frente a Cruise.

— Por qual porra maravilhosa de lugar você esteve? — Sua voz é

severa, ainda controlada.

— Wagga.

— Wagga. Por que diabos você estava em Wagga?

— Escapando do mundo. Natalie disse que queria o divórcio. Eu perdi, papai. Eu perdi isso.

— Então você fugiu. Você está me dizendo que pegou um avião para escapar dos problemas, problemas que está tendo com sua esposa?

Não há resposta.

— Você cheira como uma cervejaria. Você está bêbado?

— Não. Ressaca de merda.

— Como você chegou aqui?

— Dirigi. Metho me emprestou seu ute.

— Você esteve com Metho esse tempo todo?

— Sim. — Cruise tosse.

— Você dirigiu bêbado?

— Eu dirigi. Isso é tudo que importa.

— Por que você está tão ferrado, garoto?

— Briga de bar. — Ele fala as palavras abruptamente.

— Parece que você teve sua bunda entregue a você.

— Eu fiz.

Ele nem sequer fala sozinho. Isso é diferente de Cruise.

— Nós ligamos para você sem parar. Natalie ficou fora de si de preocupação.

— Ela não se importaria se eu vivesse ou morresse. Ai! — Cruise grita.

Eu pego um vislumbre de seu rosto enquanto sua cabeça balança para o lado depois que papai o prende ao redor da orelha.

— Não seja tolo. Você provavelmente fez algo para irritar sua mulher, e ela provavelmente disse mais do que pretendia, mas Natalie ama você, sempre amou e sempre vai. Quando ela descobrir que você

está aqui ... — Papai faz uma pausa. — Você vai ser um homem morto. Ela achou que você também tinha sido levado.

— Morgan. — Cruise tem agonia em seu tom.

— Ainda desaparecida.

— Sinto muito, papai. Me desculpe, eu não sabia.

— Como você descobriu?

— Metho viu na televisão no TAB. Ele correu de volta para me dizer.

— Por que você não atendeu o seu telefone?

Há uma longa pausa.

— Porque eu não sei onde está. Eu perdi depois que desmaiei em alguns arbustos na propriedade de Metho.

— Você nunca faz isso–

— Eu sei, pai.

Papai envolve a mão na parte de trás da cabeça de Cruise e descansa a testa contra a dele. — Você me preocupou. Fiquei doente

de preocupação.

— Eu sinto muito.

— Você precisa estar aqui agora para o seu irmão. Suba as escadas, saia dessas roupas imundas e sujas e junte suas coisas.

— Não. — Maloney se aproxima do pai. — Neste momento, Cruise está sob investigação e essas roupas e seu corpo são evidências.

— Eu não peguei minha cunhada. Você tem que acreditar em mim. — Lágrimas escorrem dos olhos de Cruise quando o pai se senta à direita dele.

— Não é uma questão de acreditar em você, companheiro. É uma questão para a lei decidir.

— Você está brincando? — Papai bufa enquanto está de pé.

Maloney sacode a cabeça. — Não é uma questão para qualquer um decidir, barra os detetives.

— Mas ele acabou de lhe dizer onde ele estava e o que aconteceu desde então?

— Olhe para o jeans dele. Eles estão enlameados e manchados de

grama. Seu rosto está uma bagunça. Sua camisa está ensanguentada. — O dedo de Maloney aponta para Cruise.

— E isso faz com que ele pareça culpado. — Papai bate a mão na testa. — Meu filho não fez isso. Max, ele não fez isso. E ele tem um álibi, com uma testemunha.

— Então você não terá problemas, terá?

Maloney anda ao redor do pai e fica ao lado de Cruise. — Você vem de bom grado para a estação?

— Sim. — É quase inaudível.

— Bom.

— Estou ligando para um advogado, — diz papai.

— Boa decisão, — diz Maloney.

— Eu nunca pensei que teria que chamar um advogado para meus dois filhos pelo mesmo motivo. Espero que ele não tenha que mostrar, porque ele custa uma fortuna. — Papai segura o celular ao lado da orelha. — Eu não tenho certeza do que diabos sua mãe e eu fizemos para criar garotos que não pudessem manter suas esposas sangrentas

satisfeitas e bagunçou toda a sua vida sangrenta de uma maneira tão épica.[16]

— Papai, — Cruise e eu estalamos simultaneamente.

— O que? É verdade, não é?

Nós dois sabemos melhor do que responder.

Meu irmão é levado embora por dois policiais que eu não vi antes, enquanto Maloney desfaz as algemas que ele colocou nos meus pulsos.

A cabeça do Cruise está baixa. Seus ombros estão curvados e, quando o pai bate no ombro, ele grita de dor.

— Eu estarei bem atrás de você, filho. — Cruise não responde.

— Natalie sabe? — Eu não sei por que eu me importo, mas eu faço.

[16] A autora usa "**bloody**" e a tradução fica como "**sangrenta**", não é necessariamente ligada a sangue. A palavra também pode ser usada para expressar raiva, aborrecimento ou choque, ou simplesmente para enfatizar.

— Sim. Natalie está fora do carro, esperando. Acho que Cruise terá mais com o que se preocupar com ela do que com a polícia. — Mamãe esfrega o polegar na minha bochecha. — Eu vou com o seu irmão.

— Eu percebi, — eu zombo.

— Você honestamente acha que ele fez isso?

Eu deixo cair a cabeça. — Não.

— Eu não penso assim.

— Estou louco, mãe.

— Eu sei. Eu sei que você está. Nós todos estamos. Eu volto já.

E assim, meus pais me abandonam, deixando-me sem minha esposa ou minha família como apoio.

— Morgan está no noticiário, — Kylee grita.

O ombro de Maloney pega o meu na pressa de chegar à televisão. Eu rosno, mas continuo correndo.

Três costas criam um escudo na frente da televisão. John, Ronald

e Kylee estão tão perto que é impossível ver.

— Movam-se, — eu grito.

Não o fazem.

Segurando meu ombro com a mão, eu me empurro para o lado de Kylee e olho para a foto da minha esposa enchendo a tela. Seus olhos castanhos são suaves e olhando diretamente nos meus.

— A mulher local de Rockhampton, Morgan Banks, ainda está desaparecida depois de outro longo dia de buscas da polícia e voluntários da SES. A esperança por sua recuperação segura está diminuindo para essa pequena comunidade, e a família está cooperando e oferecendo qualquer informação que puderem para ajudar a polícia de Rockhampton.

A imagem muda de Morgan para um vídeo de uma maca com uma lona azul cobrindo-a. É erguida por homens vestidos de macacões brancos enquanto carregam a maca até um pequeno aterro.

— O corpo feminino não identificado foi encontrado em Yeppen Lagoon esta manhã. No entanto, não se acredita que seja o corpo da mãe e esposa desaparecida Morgan Banks.

O videoclipe muda da maca para o Detetive West, caminhando na direção das portas da frente da delegacia.

— Você pode nos dizer se encontrou alguma pista sobre o desaparecimento de Morgan? — Gregory, o repórter que me entrevistou, está segurando um microfone.

— Estamos fazendo tudo o que podemos, e esperamos devolver Morgan para sua família com segurança.

— O corpo esta manhã, pode–

— Nenhum comentário neste momento. — West atravessa as portas automáticas que se abrem e depois fecha atrás dele.

— Morgan Banks ainda está desaparecida, mas como você acabou de ouvir, a polícia está segurando a esperança de que eles serão capazes de retornar Morgan em segurança para casa em breve, — os olhos azuis de Gregory olham diretamente através de mim.

— Nada. Nós ainda não temos nada. — Eu balanço minha cabeça.

— Eles estão fazendo tudo o que podem, — diz Kylee em voz baixa.

— Não é o suficiente. Desligue. — Eu torço no meu calcanhar e vou para a cozinha.

Maloney está ao telefone quando eu faço a mesa da cozinha.

Ele deve me identificar, porque ele se vira e caminha em direção à sala de estar de Morgan.

Eu espero, olhando para as costas de Maloney. Eu pressiono meu pescoço para frente, tentando entender o que ele diz. Não consigo ouvir nada.

Maloney se vira em câmera lenta. Sua mão cai para o lado dele, ainda segurando o telefone em seu aperto.

— Max. — Minha voz treme.

Ele caminha na minha direção. — Eles implantaram duas equipes táticas para pesquisar. É uma área grande, Reid. Tudo o que você pode fazer agora é orar.

— Duas equipes. — Minha voz aumenta. — Onde?

— Eu não posso te dizer. Eu sinto muito.

— Onde? — Minha voz aumenta.

— Reid, vamos lá. Eles têm homens no chão; é tudo o que tenho para você.

— Por que nem todo mundo está procurando?

Maloney coça a testa. Ele está hesitando. Por quê?

— As condições não são ótimas. Está quase no pôr do sol. Eles terão todos os oficiais de fora, de manhã.

— Não é bom o suficiente, — eu grito.

Maloney joga as mãos para o ar e depois encolhe os ombros. O que diabos isso quer dizer?

— Vamos trazê-la para casa. — A cabeça de Maloney balança.

— E se eles não o fizerem? E se ele já ... — Eu não posso nem dizer isso.

— Reze, Reid. Tudo o que você pode fazer é rezar.

Esta noite será a mais longa da minha vida. A tempestade que começou tudo isso parece se repetir, e quando o balanço na varanda bate na fundação da casa, eu olho para Maloney e sinto que estou começando de novo esse pesadelo.

Esperando, imaginando, desejando e lutando – lutando para encontrar minha esposa.

Gostaria de ler o próximo livro da Game of Life Series, Five Fights, agora?

Link Universal de compra